

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO – IACS
CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL**

JULIA MUSSO GOMES DA COSTA DURÃO

**O CORPO FIXO NA CIDADE:
UMA ANÁLISE DOS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA DE TERESÓPOLIS**

**NITERÓI
2017**

JULIA MUSSO GOMES DA COSTA DURÃO

O CORPO FIXO NA CIDADE:
UMA ANÁLISE DOS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA DE TERESÓPOLIS

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao curso de Produção
Cultural, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Bacharel em
Produção Cultural.

Orientador: Luiz Augusto Fernandes Rodrigues

NITERÓI
2017

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

G633c Gomes da Costa Durão, Julia Musso
O corpo fixo na cidade: Uma análise dos skatistas da Praça
Olimpica de Teresópolis / Julia Musso Gomes da Costa Durão;
Luiz Augusto Fernandes Rodrigues, orientador. Niterói, 2017.
73 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2017.

1. Cidade. 2. Território. 3. Apropriação. 4.
Resistência. 5. Produção intelectual. I. Título II.
Fernandes Rodrigues, Luiz Augusto, orientador. III.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. Departamento de Arte.

CDD -



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato:

JULIA MUSSO GOMES DA COSTA DURÃO

Matrícula: 111.33.013

Título do Trabalho:

"O CORPO FIXO NA CIDADE: ANÁLISE DOS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA DE TERESÓPOLIS"

Orientador: **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**

Categoria: **Monográfica**

Data da Apresentação: **18/12/2017**

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): **Dr. Luiz Augusto Fernandes Rodrigues**

2º Membro: **Drª. Marisa Schincariol de Mello**

3º Membro: **Me. Deborah Rebello Lima**

AVALIAÇÃO:

Análise / Comentário

O trabalho percorre caminhos metodológicos que vêm do macro ao micro, tensionando aspectos referentes à apropriação dos territórios, e às interações dos corpos na cidade, em especial pela juventude nas praças. Resistência e espontaneidade foram alguns elementos encontrados na pesquisa de campo.

A monografia aponta temas que merecem aprofundamento, como disputas e conflitos, diferentes usos, diferentes agentes produtores do espaço.

Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):

9,0 (nove)

ASSINATURAS

[Assinatura]
1º Membro (Presidente)

Marisa Mello
2º Membro

Deborah Rebello Lima
3º Membro

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao universo por ter me conduzido até aqui.

Agradeço à minha família que sempre me incentivou a seguir meu próprio caminho e nunca mediu esforços para tornar meus sonhos realidade. Devo essa conquista a eles que acreditaram em mim quando nem eu mesma acreditei. Todo o meu amor e dedicação é de e para vocês.

Agradeço a meus amigos de muitos anos, em especial Rê, Jô e Anne, sempre tão presentes, mulheres maravilhosas que me incentivam diariamente a ser uma pessoa melhor. Agradeço profundamente às grandes amigas que fiz na UFF e que levarei para sempre, Clari, Isa e Duda, parceiras que fizeram a faculdade e a minha vida muito mais divertida. Vos amo profundamente.

Agradeço aos grandes mestres que conheci na universidade e que me deram a honra de me passar seus conhecimentos. Esta foi certamente a maior experiência da minha vida, e mudou completamente minha percepção de mundo. Todo o meu respeito e profundo agradecimento pelas trocas e ensinamentos, vocês me mostraram que ser professor é mais do que um ato de amor, é também um ato de resistência.

Agradeço aos jovens skatistas da Praça Olímpica e da Praça de Esportes Radicas que me receberam de braços abertos. Vocês são a esperança de um futuro melhor.

Por fim, agradeço a todos os mestres que passaram e que estão na minha vida. Agradeço à mim mesma por ter acreditado, por não desistir, por realizar e concluir mais uma etapa da minha vida. Agradeço a todos os meus guias e mentores espirituais, meus anjos da guarda, à grande mãe natureza pela proteção, pelas realizações, por todas as bênçãos.

Que o conhecimento seja instrumento da sabedoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem de satélite indicando a localização de Teresópolis	28
Figura 2	Imagem de satélite indicando a localização de Teresópolis	29
Figura 3	Reconstituição da Ágora de Atenas - Século II a.C.	37
Figura 4	Reconstituição da cidade de Atenas	37
Figura 5	Reconstituição do Fórum Romano	38
Figura 6	Detalhe do Fórum de Pompéia	38
Figura 7	Piazza Della Signoria, praça cívica de cidade de Florença	39
Figura 8	A praça ideal na cidade renascentista, século XV	40
Figura 9	Piazza Dell Campidoglio	41
Figura 10	Imagem aérea da localização da Praça Olímpica	43
Figura 11	Vista da Praça Olímpica Luís de Camões	44
Figura 12	Vista da Praça Olímpica Luís de Camões	44
Figura 13	Reinauguração da Praça Olímpica em 30 de dezembro de 2015	46
Figura 14	Imagem da Praça Olímpica no período da tarde	52
Figura 15	Imagem da Praça Olímpica no período da tarde	52
Figura 16	Imagem da Praça Olímpica no período da manhã	53
Figura 17	Imagem da Praça Olímpica no período da manhã	54
Figura 18	Imagem da Praça Olímpica no período da manhã	54
Figura 19	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	62

Figura 20	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	62
Figura 21	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	63
Figura 22	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	63
Figura 23	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	64
Figura 24	Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica	64
Figura 25	Praça de Esportes Radicais no período da manhã	65
Figura 26	Praça de Esportes Radicais no período da manhã	66
Figura 27	Skatistas na Praça de Esportes Radicais	68
Figura 28	Skatistas na Praça de Esportes Radicais	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: A CIDADE	16
1.1 O ESTUDO “DA CIDADE”: AS QUATRO POLARIDADES DE ROUANET (1997)	18
1.2 ESPAÇO X PAISAGEM, CIDADE X URBANO, FIXOS X FLUXOS	23
1.3 TERESÓPOLIS: BREVES INFORMAÇÕES SOBRE SUA DIMENSÃO ARQUITETÔNICA E HISTÓRICA.....	27
CAPÍTULO 2: A PRAÇA	31
2.1 O ESTUDO “DA PRAÇA”: O ESPAÇO DA VIDA SOCIAL.....	32
2.2 A PRAÇA OLÍMPICA E SUA FORMAÇÃO HISTÓRICA	41
CAPÍTULO 3: O CORPO	47
3.1 O CORPO NA CIDADE SEGUNDO PAOLA JACQUES.....	47
3.2 OS PROTAGONISTAS: OS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA.....	50
CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
ANEXOS	74

INTRODUÇÃO

A ideia do tema para o presente estudo surgiu em um dia no centro do Rio de Janeiro, voltando para Niterói. Atravessei a Praça XV indo em direção às barcas e me dei a oportunidade de observar algo que nunca havia me atentado antes: como aquele espaço da Praça XV era, naquele momento, muito mais um lugar de passagem do que propriamente um lugar de trocas. Muitas das pessoas que atravessam aquele espaço, em uma atividade muito usual, pouco observam as outras pessoas ao seu redor, que dirá observar as marcas visuais e não visuais impressas no espaço.

Me questionei sobre como esse lugar de forte conteúdo simbólico para a cidade do Rio de Janeiro, tão carregado de história - inclusive marcada visualmente através da arquitetura e dos monumentos -, poderia ter se tornado um *não lugar*¹, onde as pessoas atravessam sem parecer realizar a importância daquele elemento urbano. Não apenas por se tratar de uma praça - já presente no nosso imaginário como um importante elemento dentro da estrutura urbana -, mas que, por ter sido palco de diversos eventos históricos e culturais, se tornou um marco na construção social e política do país.

Foi a partir dessa percepção que surgiu a vontade de trabalhar a temática da praça no meu trabalho de conclusão de curso da graduação de Produção Cultural que, inicialmente, teria a Praça XV como objeto de estudo. Aos poucos, a partir de um novo olhar - o olhar mais próximo e atento de quem quer compreender o espaço - sob um trajeto já tão conhecido por mim, fui percebendo que aquela noção sobre os novos usos da Praça XV, que a princípio se manifestou de forma pessimista, foi dando lugar a uma noção mais otimista ao passo que ia constando diversas apropriações.

A primeira das apropriações que me chamou atenção na Praça XV foram os skatistas e a maneira como eles se colocavam no espaço da praça de forma a criar uma espécie de dança entre os passantes, fazendo daquele momento de prática uma realidade muito individual, e ao mesmo tempo muito coletiva. Algumas

¹Conceito proposto por Marc Augé (2012) para definir espaços de passagem onde não é possível dar forma a nenhum tipo de identidade.

semanas de observação mais atenta fizeram com que despertasse dentro de mim uma vontade de compreender essa forma de se colocar na cidade através de um esporte, e mais do que isso, um esporte que surgiu nas ruas e tem em sua essência um caráter de adaptação².

Tendo passado por essa experiência de olhar os espaços - sobretudo a praça - de uma maneira mais aproximada, e ainda com a vontade de explorar esse elemento urbano como um objeto de estudo, pude identificar em Teresópolis, minha terra natal, um movimento muito parecido em uma das principais praças da cidade, a Praça Olímpica. Diferente da Praça XV, a Praça Olímpica não apresenta um caráter de passagem, mas sim um espaço de encontros e trocas que está sendo apropriado por diversos atores, dentre eles os skatistas. Era, mais uma vez, a possibilidade de buscar entender esse elemento urbano tão rico, que conta várias histórias, e ao mesmo tempo uma só.

Nesse momento, então, reconheci meu novo objeto de estudo, que deixou de ser a Praça XV e passou a ser a Praça Olímpica. Essa transição aconteceu primeiramente pela impossibilidade de continuar indo à cidade do Rio de Janeiro, e depois por questões afetivas: eu realmente queria colocar esse olhar mais atento sobre a cidade onde eu nasci - ainda que apenas uma parte dela, representada pela praça.

Mesmo que dentro de uma lógica diferente de praça, - no que diz respeito principalmente às dimensões arquitetônicas e históricas, muito maiores no caso da Praça XV -, encontrei uma maneira de resgatar esse elemento tão importante dentro da estrutura da cidade, sobretudo nas cidades de interior como Teresópolis, e também de resgatar um dos principais atores desse espaço, os skatistas (que, por coincidência ou não, se apresentaram para mim também a partir da praça, mas em uma outra cidade).

Tendo definido meu novo objeto de estudo, assim como na outra oportunidade da Praça XV, me dediquei algumas semanas a observar o espaço da Praça Olímpica - neste momento sem me aproximar dos atores sociais daquele território, apenas com o olhar de uma passante atenta ao espaço ao seu redor. A primeira impressão que tive, observando de fora o espaço como um todo e mais

²O skate nasceu na Califórnia por volta da década de 50 quando os surfistas, em época de mar sem ondas, tiveram a ideia de criar uma espécie de prancha sobre rodas para ser usada nas calçadas. (UMA BREVE HISTÓRIA DO SKATE)

propriamente os skatistas, era de que eles se colocavam de forma fixa na praça. Como ainda não havia iniciado o trabalho de campo propriamente dito, sendo esse apenas um exercício de observação, percebi que na maioria das vezes em que eu passava pela praça, lá estavam os skatistas, em maior ou menor quantidade, mas presentes, se apropriando do espaço e se colocando como parte da praça.

Essa ideia de trabalhar o corpo enquanto elemento fixo da cidade, como é apresentado no título da presente pesquisa, é fruto dessa observação e de uma nova noção sobre a relação corpo-cidade (ou mesmo corpo-praça). A noção de que o corpo passa a fazer parte fixa da cidade, assim como é parte fixa da cidade a arquitetura, o monumento, o mobiliário urbano, o paisagismo. O corpo fixo, nesse sentido, é o corpo que se faz presente na cidade. E, que, quando não se faz presente, descaracteriza a paisagem urbana.

Milton Santos (2014) fala sobre a diferença entre paisagem e espaço, explicando que enquanto a paisagem é algo relativamente permanente, o espaço é a sociedade em movimento na paisagem. A paisagem cidade, nesse sentido, é descaracterizada sem a paisagem corpo, tanto quanto é descaracterizada sem a paisagem arquitetônica. O corpo na cidade se torna, nesse sentido, um elemento fixo, uma arquitetura que se movimenta e se desloca, mas que se faz presente e parte dos elementos construídos.

Como forma de conseguir compreender todas essas relações - que são muitas, fiz a escolha de trabalhar a partir das três principais camadas que se apresentam dentro destas temáticas: aquela que diz respeito à cidade, aquela que diz respeito à praça, e, por fim, aquela que diz respeito ao corpo. Assim, construí uma proposta de estudo que faz o caminho do macro ao micro, e tendo dividido a pesquisa, portanto, em três capítulos onde cada um deles trabalha uma das camadas.

O primeiro capítulo trata da cidade e, como forma de trabalhar essa camada, lancei mão de autores que resgatam aspectos comuns às cidades, tanto relacionadas à parte histórica quanto à parte arquitetônica. Como é o caso de Magnani (2002), que trabalhando os conceitos “de perto” e “de longe”, fala sobre a possibilidade dos estudos sobre as cidades estarem aparentemente divididos entre o estudo “da cidade” e “na cidade”. Entretanto, deixa claro que a possibilidade de articular essas duas formas de estudar a cidade pode ser produtiva, e enaltece a

importância da antropologia urbana enquanto um meio de resgate dos principais atores das cidades: os próprios moradores.

Iremos também à origem das cidades, abordando os quatro conceitos de Rouanet (1997) acerca da cidade iluminista. São quatro conceitos retratados a partir de polaridades, que são importantes para a presente pesquisa, pois dão a noção do que Magnani (2006) fala sobre o estudo “da cidade”.

Ainda no primeiro capítulo lanço mão de Santos (2014) e Gastal (2006), que abordam outros importantes conceitos para a presente pesquisa, como as diferenças entre espaço x paisagem, cidade x urbano, fixos e fluxos (que explica a ideia de corpo fixo). E por fim, o capítulo também traz uma breve noção histórica da cidade de Teresópolis como forma de contextualizar o leitor acerca do objeto de estudo.

O segundo capítulo trata da praça, e o principal exercício que este capítulo propõe é, mais uma vez, o resgate das origens. Lanço mão de Caldeira (2007) que conduz com maestria a temática da praça a partir da sua tese de doutorado que tem a praça brasileira como objeto de estudo. Falaremos desde as ágoras gregas, até a valorização que esse elemento passa nos dias atuais. Logo depois do estudo “da praça”, passaremos para o estudo “na praça”, representado por uma breve contextualização histórica sobre a Praça Olímpica.

O terceiro capítulo, que trata da temática do corpo, além de trazer os conceitos abordados por Jacques (2007) em seu estudo sobre corpografias urbanas, também condensa a, talvez, parte mais importante do trabalho, que corresponde à antropologia urbana. Neste capítulo é apresentado o trabalho etnográfico, no qual vou a campo e à partir do olhar “de perto”, busco entender as formas com que os skatistas se colocam no espaço da Praça Olímpica, os diferentes conflitos de uso, as polaridades tratadas por Rouanet (1987), dentre outros aspectos.

Por fim, concluo a presente pesquisa e faço algumas considerações finais acerca de como foi trabalhar a temática da cidade, buscando compreendê-la a partir da praça e do corpo.

CAPÍTULO 1: A CIDADE

Pensar a cidade significa considerar diversos aspectos que não dizem respeito somente aos assuntos urbanos – ao menos àquela ideia mais engessada de urbanismo, como sendo o estudo de ruas, vias, fluxos etc. -, mas também pensar os aspectos culturais, políticos, econômicos e espaciais. Ainda que para alguns seja uma relação distante, considerar essas variáveis ao pensarmos sobre a produção das cidades é essencial, uma vez que é praticamente impossível desassociar uma coisa da outra – em especial nos dias atuais.

Considerar todos esses aspectos que fazem parte da construção de uma cidade não é uma tarefa fácil, visto que cada um deles funciona sob sua própria lógica e exerce uma função (e forma) diferente em cada processo de produção - e que muda, dentro de uma mesma cidade, de bairro para bairro, de grupo social para grupo social -, por isso estudar a cidade é uma tarefa considerada tão complexa e que pode se dar de diversas maneiras, através de diferentes perspectivas e recortes.

Embora o objetivo da presente pesquisa seja estudar as diferentes relações (e camadas) entre cidade-praça-corpo a partir de um recorte específico, que é dos skatistas da Praça Olímpica de Teresópolis, antes, se faz necessário compreender a cidade acerca de uma visão mais abrangente, segundo a própria ideia de cidade e seus processos de construção no que se refere aos aspectos arquitetônicos, sociais, e culturais, desde a origem.

Em seu artigo, Magnani (2006) fala sobre a distinção existente entre os estudos “da cidade” e “na cidade”, em que a primeira toma a própria cidade como objeto de análise, e a segunda em que cita Geertz³, que considera que “o lócus do estudo não é o objeto de estudo.” (1978, p. 32). Entretanto, Magnani (2006) explica a possibilidade de articulá-los a partir das duas alternativas:

é possível recortar inúmeros temas e objetos de pesquisa na cidade sem perder de vista a busca do entendimento da própria dinâmica urbana como variável que determina, marca ou induz determinados comportamentos, instituições e formas de uso do espaço. Essa postura pode ser produtiva, também, quando se trata de estabelecer diferenças entre as várias escalas

³ GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados”. In, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

urbanas, e assim poder comparar, por exemplo, metrópoles, cidades médias, cidades pequenas não apenas por critérios de tamanho de território ou população. (MAGNANI, 2006, p.133)

O autor fala ainda que o recorte entre a temática e o objeto de estudo com base nas duas vertentes, está inserido no campo da antropologia urbana *stricto sensu*:

a presença de grupos social e culturalmente diferenciados (os comportamentos, práticas, estilos de vida etc.) e sua relação com a paisagem, equipamentos e instituições urbanas. Nessa perspectiva, o incentivo a pesquisas localizadas consegue superar o caráter fragmentário e aleatório que a multiplicação de recortes pode acarretar, porque se pauta pela busca de pontos de comparação, tendências, modelos de análise mais gerais. Ou seja, trata-se de articular o plano das pesquisas na cidade com uma perspectiva mais abrangente em busca de princípios estruturantes, de mais longa duração - a perspectiva de um estudo "da cidade". (MAGNANI, 2006, p.133-134)

Sobre a distinção entre as formas de estudar a cidade, o que Magnani (2006) diz é que, apesar de falarem de coisas diferentes – onde uma se refere aos aspectos físicos (e que mais para frente vamos entendê-los também enquanto aspectos arquitetônicos, segundo Rouanet (1997) da cidade, e a outra se refere à relação entre esses aspectos físicos e a sociedade -, se trabalhadas de forma conjunta, podem dar uma visão mais abrangente e um maior entendimento acerca dos padrões de relação com a paisagem urbana.

Em outro artigo, Magnani (2002) fala de que forma a etnografia pode ser uma significativa ferramenta para resgatar atores importantes na dinâmica da cidade, os próprios moradores que “constituem o elemento que em definitivo dá vida a metrópole” (2002, p.15), e que têm sido deixados de lado, como se a cidade fosse uma entidade a parte deles. Ainda que em seu artigo esteja tratando das grandes metrópoles - que não é o caso dessa pesquisa -, essa é a proposta do presente estudo, que se dispõe a olhar a cidade a partir daqueles que dão vida a ela.

Nesse sentido, tendo como base o que Magnani (2002) chama de antropologia urbana *stricto sensu* (ou ainda etnografia urbana), o que se pretende é analisar a cidade a partir das duas vertentes: “da cidade”, onde a cidade aparece como o próprio objeto de estudo - e onde será feito o trabalho de resgate das “origens” -, e a segunda, “na cidade”, onde o objeto de estudo se encontra na relação de diferentes grupos sociais com a paisagem urbana - utilizando o recorte dos skatistas da Praça Olímpica de Teresópolis.

1.1 O ESTUDO “DA CIDADE”: AS QUATRO POLARIDADES DE ROUANET (1997)

Como parte do primeiro estudo, que corresponde ao estudo “da cidade”, retornaremos à cidade enquanto formação arquitetônica, como forma de entender essa estrutura em suas diversas contradições. Rouanet (1997), em seu artigo, se propõe a estudar a cidade iluminista. Trabalhando o conceito de iluminismo como sendo uma construção ideal de mundo, investiga a correlação entre cidade e iluminismo, entendendo, nesse sentido, a formação da cidade enquanto concepção ideal.

Para isso, o autor retorna a origem do estudo das cidades se utilizando como base de sua pesquisa o que ele diz ser “o documento básico para compreender o pensamento” (ROUANET, 1997, p.4), a *Encyclopédie*, de Diderot e d’Alembert. O referido autor desenvolve a definição que encontra em sua fonte de pesquisa, onde a ideia de cidade aparece em três contextos diferentes: no que diz respeito ao ponto de vista urbanístico e arquitetônico, - e aqui, o entendimento de urbanismo está ligado a ideia mais engessada, como citado anteriormente, do estudo de vias e ruas -, do ponto de vista histórico, e do ponto de vista jurídico, esse último, que não se aprofunda (ROUANET, 1997).

Do ponto de vista arquitetônico, a cidade aparece na *Encyclopédie* como sendo “um conjunto de várias casas dispostas ao longo de ruas e fechadas por uma clausura comum, que consta em geral de muros e fossos”, e ainda “para defini-la mais exatamente, é um recinto fechado por muralhas, que encerra vários quarteirões de ruas, praças públicas e edifícios.” (ROUANET, 1997, p.5). O que se pode entender, é que, do ponto de vista arquitetônico, a cidade era vista, de forma geral, como um elemento fixo – retornaremos a essa discussão mais a frente com Gastal (2006) e Santos (2014) -, onde seus limites eram estabelecidos por muralhas, e que a praça, um dos objetos de estudo da presente pesquisa, já aparecia como um dos principais elementos da cidade.

Já do ponto de vista histórico, a *Encyclopédie* intenciona o entendimento acerca da cidade para uma discussão mais ligada à sociedade, ou seja, como se a história conversasse mais com o resultado da relação entre sociedade e arquitetura urbana, do que com a arquitetura da cidade por si só. “Aqui, a *Encyclopédie* (...)”

estende-se longamente sobre a fundação de Roma, realizada segundo rituais etruscos – a consulta aos deuses, para determinar o local e o dia da fundação (...)” (ROUANET, 1997, p.6).

Ao tencionar a dimensão histórica para uma discussão em torno da sociedade, tratando de seus rituais, hábitos, e, por assim dizer, de sua cultura, é interessante analisar que a ideia de cidade fixa e ligada à arquitetura apresentada anteriormente, se mostra um tanto quanto vazia de sentido, como se a arquitetura da cidade, por si só, não contasse uma história. Retomando o que Magnani(2006) fala sobre a ideia de cidade entidade, é como se a dimensão arquitetônica apresentada pela Encyclopédie desse conta dessa cidade desconectada de seus moradores, e a dimensão histórica trabalhasse a relação entre esses diversos atores e a cidade.

Rouanet (1997) ainda demarca quatro pontos importantes sobre o significado de cidade apresentado pela Encyclopédie. São quatro pontos de tensão, polaridades, referentes aos conceitos de cidade explicitados anteriormente, e que conversam com a presente pesquisa, no sentido de que auxiliam na busca por uma reflexão dos conflitos da cidade, ligados, tanto à dimensão arquitetônica, quanto à dimensão histórica. Tais polaridades, ainda que relacionadas à cidade iluminista, apresentam uma boa base de estudo das cidades contemporâneas, já que o padrão de formação de cidades tem pilares - ou “princípios estruturantes” como cita Magnani (2006) – muito parecidos, e serão, portanto, utilizados como referência para o trabalho feito em campo.

A primeira polaridade a que Rouanet (1997) se refere, é a de abertura/clausura. O autor explica que existe uma dificuldade do enciclopedista em definir a cidade no que diz respeito aos limites físicos, já que na primeira definição inicialmente vêm as casas, e os muros somente aparecem em seguida, “um conjunto de várias casas dispostas ao longo de ruas e fechadas por uma clausura comum, que consta em geral de muros e fossos” (1997, p.5). Já na segunda definição “(...) é um recinto fechado por muralhas, que encerra vários quarteirões de ruas, praças públicas e edifícios.” (1997, p.5), acontece exatamente o oposto, a cidade aparece como a própria muralha, que se encerra em objetos urbanos.

Ou seja, enquanto que a primeira definição mostra uma cidade de limites elásticos, onde a muralha é um objeto frágil, a segunda definição trata de fixar os limites entre o exterior e o interior (ROUANET, 1997). De forma geral, o que a

polaridade entre os conceitos de abertura e clausura sugere é que a cidade iluminista é socialmente aberta e capaz de absorver as diferenças, mas que, entretanto, insiste na construção de uma fronteira entre a vida urbana e a natureza.

Trazendo para a presente pesquisa, se tratando o objeto de estudo a apropriação de um pedaço da praça por parte dos skatistas, os conceitos de abertura e clausura não estão relacionados a vida urbana e natureza, mas servem como base para compreender os limites – elásticos ou não - desse grupo social dentro da estrutura da praça. Entender em que configuração os skatistas se colocam na praça e se esses limites, se existentes, representam abertura – um espaço onde podem se colocar, reunir, trocar na cidade -, ou clausura, se forem limites muito rígidos.

Ainda sobre a relação vida urbana e natureza, Gastal (2006), tratando sobre as cidades construídas após a Idade Média, também explica a fronteira entre campo e cidade, onde, do ponto de vista econômico, a cidade aparecia mais como lugar de consumo do que propriamente de produção. A autora explica que o escambo, praticado como a troca de mercadorias, vai aos poucos sendo substituído pela moeda e que, nesse sentido, a ideia de desmaterialização do econômico, tão discutida na pós-modernidade, tem sua origem na introdução da moeda (GASTAL, 2006). Considerando a cidade contemporânea e a discussão acerca da desmaterialização do econômico a que a autora se refere, a cidade moderna vai passar a ser, então, local de produção de trocas simbólicas e culturais.

Entender as cidades enquanto local de produção de trocas simbólicas e culturais é a proposta do presente estudo e um dos pontos importantes para a antropologia urbana uma vez que o objeto de estudo deixa de ser a cidade propriamente dita – aqui cidade enquanto estrutura arquitetônica -, e passa a ser o encontro dessas trocas simbólicas com a cidade. Buscando, nessa perspectiva, entender as trocas que se dão entre os diversos atores, mas também (e principalmente) as que se dão dos atores com a própria paisagem urbana e, ainda, de que forma esses sujeitos se colocam na paisagem urbana enquanto protagonistas em uma forma de apropriação ligada a questões que ultrapassam o simples estar na paisagem, mas como resistência e transgressão - que veremos mais à frente.

Retomando Rouanet (1997), a segunda polaridade apresentada é a do individual/coletivo. Se por um lado, segundo cita o autor, existia uma burguesia a

quem interessava apenas os interesses individuais e que queria impor seu próprio estilo, por um outro lado, existia o que ele chama de conveniência pública, representada por equipamentos urbanos coletivos como praças e teatros. O autor explica ainda que as duas definições apontam as polaridades, onde a primeira definição, nominalista, acentua o individual “o que importa são os átomos urbanos, as unidades de habitação, e a cidade não é mais que o agregado mecânico dessas unidades.” (1997, p.7), e a segunda, holista, onde “a primazia cabe ao todo orgânico gerado pela linha demarcadora” (1997, p.7).

Sobre essa polaridade, o autor explica que a cidade iluminista será atenta ao interesse coletivo no que diz respeito a todas as funções atribuídas à cidade na Carta de Atenas⁴ – morar, trabalhar, divertir-se, circular – e prevendo, também,

um espaço público que permita a todos os habitantes participar de políticas tendentes a eliminar essas patologias de cidade grande; ao mesmo tempo, será capaz de proteger a individualidade, de evitar a absorção do indivíduo em guetos e miséria ou em oásis de aconchego comunitário, de criar e preservar áreas de privacidade, de edificar santuários contra as usurpações do coletivo. (ROUANET, 1997, p.11)

Ainda que se tratando da cidade iluminista, tal polaridade se mostra muito presente nas cidades contemporâneas e acabam inclusive gerando conflitos, principalmente na temática do espaço público. Em primeira instância porque, à nível de espaço público, é difícil definir o que caracteriza, por exemplo, o que o autor chama de “usurpações do coletivo”. Existe uma questão relativa àquilo que entendemos enquanto interesses coletivos e individuais, onde o que funciona para determinado grupo social, pode não funcionar à nível individual (e nem mesmo para outro grupo social), o que faz com que a apropriação desses espaços públicos fique fluando, ora atendendo aos interesses coletivos e ora aos individuais.

Nesse sentido, existem dois pontos de tensão que a presente pesquisa explora na polaridade individual/coletivo: aquela dos skatistas perante os outros usuários da praça – de que forma se dá a relação entre aqueles que vivenciam o espaço para fins que não sejam o skate -, e aquela dos skatistas perante eles próprios, explorando aquilo que eles entendem enquanto prática individual e coletiva, e os diferentes níveis de hierarquia dentro do grupo.

⁴ Carta redigida em 1931 como conclusão do Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos realizado em Atenas.

Um segundo ponto a ser levantado acerca da polaridade individual/coletivo em espaços públicos dentro da lógica das cidades contemporâneas é que a utilização do espaço público fica, por muitas vezes, a mercê de outros interesses de cunho individual que não conversam com a vontade (e necessidade) da sociedade, que é o caso dos interesses do capital, que se manifesta através de diferentes formas em diferentes frentes: a partir da política, empresariado, da especulação imobiliária, entre outros.

Retomando as polaridades da cidade iluministas trazidas por Rouanet (1997), a terceira trata da relação entre estético/utilitário. Sobre tal polaridade, a Encyclopédie adere às duas qualidades essenciais de qualquer cidade segundo Alberti, grande arquiteto da renascença: a beleza (voluptas) - e para isso devem seguir planos traçados, proporções e simetrias -, e a utilidade do público (commoditas) – para isso devem seguir orientações quanto a tamanho, acústica e segurança de praças e teatros, por exemplo. (ROUANET, 1997)

No eixo dessa polaridade, o autor explica que

a cidade iluminista será funcional, não no sentido de ser útil aos interesses sistêmicos da burocracia e da economia, mas no sentido de estar a serviço das necessidades qualitativas do homem. Serão contra-iluministas a cidade utilitária, que subordine a beleza à eficácia, e a cidade esteticista, que dissocie a arquitetura de seu uso e dote a criação urbana de uma aura contrária a sua natureza. A cidade iluminista, ao contrário, saberá equilibrar as voluptas e as commoditas. (ROUANET, 1997, p.12)

Trazendo para as cidades contemporâneas, é possível enxergar, segundo explicitado no artigo de Rodrigues e Correia (2017) utilizando como exemplo o Caminho Niemeyer em Niterói, que as cidades contemporâneas têm experimentado um desequilíbrio no que diz respeito às polaridades estético/utilitário - do ponto de vista da cidade ideal a que trata Rouanet (1997) -, onde a arquitetura tem se mostrado, como abordado no início do capítulo, vazia de sentido e desconectada da dimensão histórica (e, portanto, social) de seus moradores, construída apenas como elemento estético e atendendo somente ao capital.

A quarta e última polaridade trata da relação entre o novo e o antigo. O autor explica que o enciclopedista trata o novo como domínio da razão, ignorando aquilo que se apresenta como antigo, “o peso morto da tradição”. Segundo Rouanet(1997),

a cidade iluminista permitirá o advento do novo, de novas formas, novas estruturas, com novos materiais, novos estilos, porque, sem renovação, a cidade se “museifica” ou se transforma num mausoléu. Mas saberá defender-se de todas as tentativas de liquidação da História, de destruição cega de bairros e edifícios porque eles são testemunhas do tempo e ponte entre as gerações. A agressão contra a memória da cidade é sempre um ato de barbárie, pouco importando se essa amnésia coletiva é induzida pela barbárie dos especuladores imobiliários ou pela barbárie de certos arquitetos, que usam o fetichismo do novo para transformar o passado em terra arrasada. (ROUANET, 1997, p. 12)

Para o autor, é a observância das diversas polaridades que definem a cidade iluminista e, fazendo o exercício de trazer essas discussões para as cidades contemporâneas a partir de novas associações – que não estão mais ligadas a muralhas físicas, mas simbólicas -, tais polaridades ainda se encontram muito presentes e servem, inclusive, para definir as relações entre os sujeitos e a própria cidade.

O que as quatro polaridades apresentadas por Rouanet (1997) mostram, é que a cidade é, desde sua origem – mesmo tendo como origem a concepção ideal de mundo segundo os iluministas -, lugar do contraditório, resultado de polaridades, relação (ou ainda embate, conflito) entre a dimensão arquitetônica e a dimensão histórica (social). São duas dimensões que, como vimos no início do capítulo, devem andar lado a lado, e não se sobrepor uma a outra, ou se anular. Tanto do ponto de vista do estudo, com a antropologia urbana de Magnani (2006), quanto do ponto de vista do próprio exercício de vivenciar a cidade.

Outras dimensões que devem caminhar lado a lado estão representadas pela ideia de passagem (fixo) e movimento (fluxo) que será abordado a seguir. É essa abordagem que abrirá o caminho para entender as relações entre cidade-praça-corpo como parte de uma mesma estrutura que, é bem verdade, se colocam no espaço a partir de lógicas muito próprias, mas que se comunicam a partir de conceitos intrínsecos aos três.

1.2 ESPAÇO X PAISAGEM, CIDADE X URBANO, FIXOS X FLUXOS

Tendo levantado discussões acerca das diversas tensões e polaridades da cidade enquanto sua dimensão arquitetônica e histórica segundo a concepção iluminista de mundo, se faz necessário compreender outras relações que se

colocam dentro dessa complexa estrutura, e que se aproximam um pouco mais da ideia de cidade contemporânea trabalhada na presente pesquisa. A ideia de cidade enquanto estrutura transgressora, onde o corpo se coloca como elemento fixo – e uma parte dessa estrutura -, e, para isso, é preciso entender a relação entre espaço e paisagem, cidade e urbano, fixos e fluxos.

Sobre o espaço, Santos (2014, p.30) diz que “deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e anima, ou seja, a sociedade em movimento.”. Isto é, pensar o espaço - e, nesse sentido, pensar as cidades (as praças, e também o corpo na cidade) -, é pensar os objetos geográficos, os objetos naturais e os objetos sociais, sem esquecer que é a sociedade em movimento que dá vida a esses objetos.

O autor também desenvolve o conceito de paisagem, diferenciando-o do conceito de espaço, e esses são dois conceitos que muito interessam à presente pesquisa, pois é justamente onde é possível entender o que é permanente (fixo) e o que é movimento (fluxo) – dentro da ideia que se pretende trabalhar enquanto “corpo fixo na cidade”. Para o autor, a diferença entre os dois conceitos, paisagem e espaço, é que a primeira não é exatamente algo parado, mas algo relativamente permanente, enquanto que o segundo, como já sabemos, é movimento, “resultado da ação do homem sobre o próprio espaço” (SANTOS, 2014, p.78), ou ainda, a sociedade em movimento na paisagem.

Gastal (2006), já citada anteriormente, se dedica a entender a cidade e, mais do que isso, busca compreendê-la sob a ótica de três importantes signos: a praça, o monumento e o palco. Se Santos (2014) diferencia os conceitos de paisagem e espaço, a autora busca entender a dissonância entre os conceitos de cidade e urbano, e de que forma os signos (praça, monumento e palco) se inserem nessa complexa estrutura. Essa visão é corroborada a partir da ideia de que “se por cidade entender-se o espaço físico e as interrelações socioeconômicas ali efetuadas, o urbano poderá implicar um modo de vida, uma sensibilidade e uma cultura (HARVEY⁵ 1980, p.265 *apud* GASTAL, 2006, p.61)”.

Dessa maneira, o resultado do esforço em diferenciar os dois conceitos, cidade e urbano, não é muito diferente do que escreveu Santos (2014) sobre

⁵ HARVEY, D. (1980). *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec.

paisagem e espaço. Buscando criar uma relação entre os conceitos trabalhados pelos dois referidos autores, podemos entender a cidade como paisagem, no sentido de que ela seria o espaço físico e algo permanente, e que se modifica para uma nova atualidade ou inovação (SANTOS, 2014), e o urbano como o espaço, ou seja, o movimento, o cotidiano, ou ainda, a sociedade em movimento na cidade. Para Gastal (2006, p.94) a cidade é “a materialização do urbano no espaço”.

Para melhor compreender a origem da cidade como elemento permanente, Gastal (2006, p.62) cita Virilio⁶ (1984, p.16), no trecho “na guerra antiga, a defesa não consistia em acelerar, mas retardar. A preparação para a guerra era a muralha, o baluarte, a fortaleza. E foi a fortaleza como fortificação permanente que instituiu a cidade em permanência.”. O que é possível entender é que a principal estratégia de guerra - e também de dominação do território -, foi tornar aquilo que, durante muito tempo era móvel, provisório, nômade, em algo permanente.

Nesse sentido, aquilo que é permanente pode ser considerado, de certa maneira, transgressor, principalmente quando pensamos no mundo pós-moderno, onde tudo é fluxo e fluído. Assim, a cidade é, por excelência, um espaço transgressor, e a praça, sendo um elemento da cidade, também o é. E aqui, traçando um paralelo com o objeto de estudo, cabe a pergunta: aqueles que ocupam esses espaços permanentes, também de forma permanente, seriam transgressores por excelência? E as atividades às quais se propõem nessa ocupação? E a forma como se colocam nesse espaço? Essas perguntas tratam do terceiro objeto de estudo, o corpo. Entenderemos de que maneira o corpo, que é movimento por excelência, pode se transformar em um elemento fixo da cidade.

Outro conceito que se comunica muito com o que está sendo proposto como discussão acerca da ideia de permanência e movimento, é o de fixos e fluxos. A grosso modo, fixo é tudo aquilo que, dentro da cidade, não tem movimento, ou seja, que é *permanente* – adjetivo que Santos (2014) atribui também a paisagem. Por outro lado, os fluxos “são o movimento, a circulação” (SANTOS, 2014, p.86). Sobre o conceito, o referido autor ainda defende que

cada tipo de fluxo surge com suas características, que são técnicas e organizacionais. E, desse modo, a cada tipo de fixo corresponde uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, mas

⁶ VIRILIO, P. (1984). *Guerra pura*. São Paulo: Brasiliense.

também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e alteram-se mutuamente” (ibidem).

Nesse sentido, aquilo que é fixo, ou seja, permanente, pertencente à paisagem e se torna um objeto social na medida em que interage com os fluxos, a sociedade em movimento.

Ainda sobre fixos e fluxos, Gastal escreve:

Se a cidade é a materialização do urbano no espaço, essa materialização não se restringe aos elementos fixos: praças, monumentos, igrejas, indústrias, casas, ruas e muitos outros. Em torno e no interior dos fixos, há todo um mundo em movimento, onde circulam pessoas, mercadorias, relações sociais, manifestações culturais, para além do simples trânsito de veículos individuais ou coletivos. Eles constituem os fluxos que, junto com os fixos, formam a cidade. Daí a tese de Argan⁷ (1992) de que a cidade se forma. Ou talvez, tornando a questão mais complexa, a cidade se constituiria não apenas na soma, mas no conflito dos fluxos com os fixos. (GASTAL, 2006, p.94)

Sendo assim, em certa medida, o espaço, a cidade, a praça, é justamente - e sempre - o conflito entre aquilo que é fixo e aquilo que é fluxo. Ainda que a palavra sugira incompatibilidade, os conflitos podem se dar de várias maneiras, resultando, inclusive, em espaços múltiplos e culturalmente diversos. Indo um pouco mais além, seria possível construir, a partir desse conflito, interações onde os fluxos se transformem em fixos, como uma espécie de simbiose, na qual seja difícil diferenciar ambos, sendo esse processo passível de descaracterização do espaço na falta dos fluxos? Como o corpo enquanto um elemento fixo da cidade.

Apesar de serem conceitos complexos e que exigem muita reflexão, é mais simples compreendê-los quando se entende a relação entre o que é permanente e o que é movimento. As praças, assim como diversos outros elementos da cidade (para não dizer quase sua totalidade), são espaços que agregam os dois conceitos: tanto permanência quanto movimento, tanto fixos como fluxos. É claro que não se trata de uma afirmativa que busca criar uma verdade e é muito legítimo que essa afirmação pode ser relativa dependendo de seu contexto, mas, considerando que o que está inserido na estrutura da cidade foi criado com o objetivo de gerar movimento – e também paisagem, ou seja, permanência -, é possível partir do pressuposto de que, de fato, as praças agregam os conceitos aqui discutidos.

⁷ ARGAN, G.C. *et al.* (org.) (1997). *El pasado en el presente*. Barcelona: Gustavo Gilli.

Nesse sentido, o que se busca a partir desse estudo, é entender a relação de fixos e fluxos no recorte específico da Praça Olímpica, e mais especificamente, de que maneira o corpo se coloca enquanto elemento fixo na cidade (e na praça) e como isso representa uma atitude transgressora. Ao longo dos próximos capítulos voltaremos a todo tempo a essa discussão, mas antes é necessário entender o contexto que está inserida a Praça Olímpica, agora do ponto de vista das dimensões arquitetônicas e históricas da cidade de Teresópolis, e mais à frente do ponto de vista da própria praça.

1.3 TERESÓPOLIS: BREVES INFORMAÇÕES SOBRE SUA DIMENSÃO ARQUITETÔNICA E HISTÓRICA

Teresópolis é uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, localizada a pouco mais de 70 km da capital. Faz parte da região serrana do estado, juntamente com Petrópolis e Friburgo, sendo Teresópolis a cidade mais alta e com a sede municipal mais elevada entre as outras da região - o que, por esse motivo, a faz ser a mais fria, com temperaturas que chegam ao negativo no inverno. (WIKIPEDIA SOBRE TERESÓPOLIS)

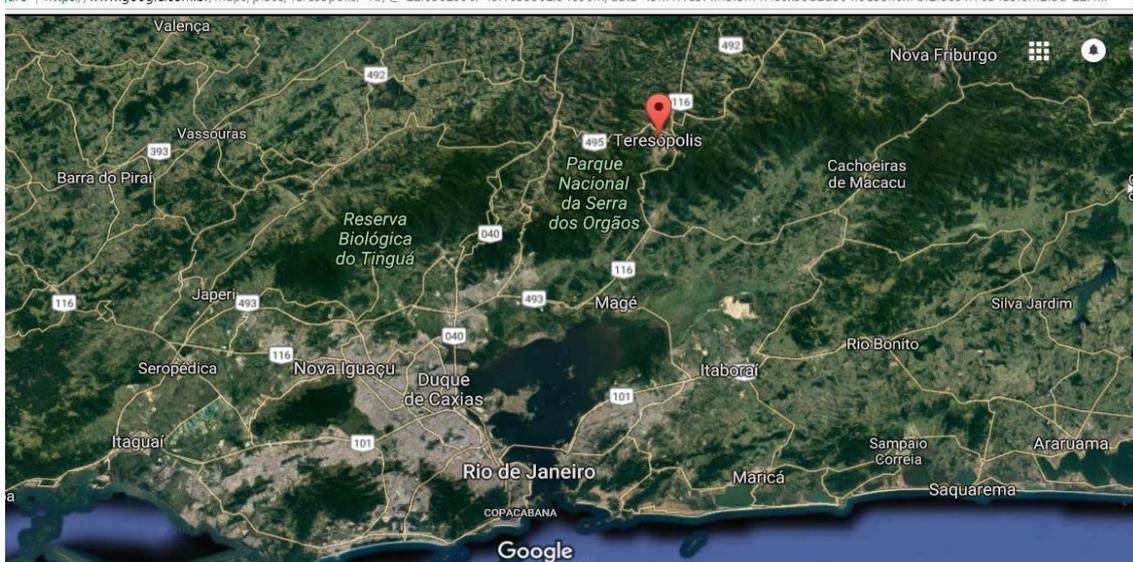


Figura 1 - Imagem de satélite indicando a localização de Teresópolis

Fonte: Google Maps

O município conta com 174 587 habitantes⁸ e ocupa uma área de 770,601 km², sendo que 11,3400 km² estão em perímetro urbano.

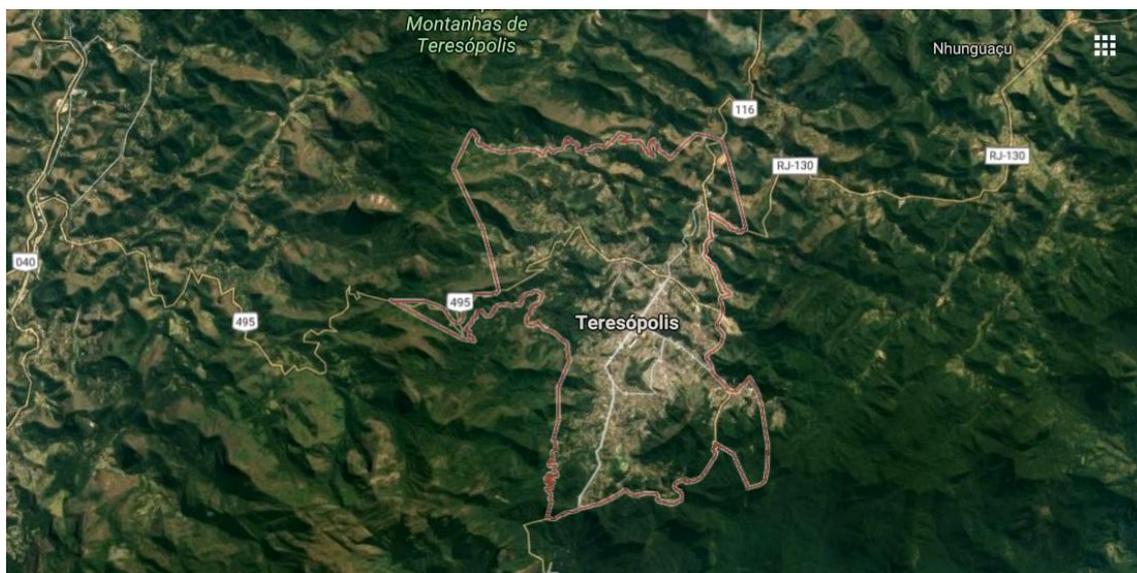


Figura 2 - Imagem de satélite indicando a localização de Teresópolis

Fonte: Google Maps

Atualmente é conhecida, principalmente, por abrigar a sede de treinamento da Confederação Brasileira de Futebol. Além da CBF, Teresópolis é bastante conhecida entre os amantes do montanhismo por sediar um dos maiores parques de belezas naturais do Brasil, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, que abriga uma das mais bonitas cadeias de montanhas do país, entre elas o Dedo de Deus, cartão postal da cidade. Por isso, Teresópolis é reconhecida como a capital nacional do montanhismo e atrai milhares de turistas por ano (PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESÓPOLIS).

A cidade carrega em seu nome a herança da colonização, já que se trata da junção de Tereza Cristina, imperatriz e esposa de D. Pedro II, com *pólis* (cidade) - apesar do município nunca ter sido realmente casa da família imperial, o que se sabe (e o que se tem registrado) é sobre somente algumas visitas.

As primeiras ocupações da região aconteceram por índios timbiras que, há época, cerca de 1583, receberam uma sesmaria que incluía a atual Serra dos Órgãos. Aos poucos, portugueses também foram adquirindo outras sesmarias na região. Outra parte da história conta que nos primórdios, além dos indígenas, Teresópolis também abrigou o chamado “Quilombo da Serra”, formado por escravos

⁸ Segundo dados do IBGE 2016 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas).

fugidos do Vale do Paraíba - parte da história que infelizmente não se tem muita informação. (WIKIPEDIA SOBRE TERESÓPOLIS)

A primeira descrição de Teresópolis é datada de 1798 em um relato de Baltazar da Silveira, mas a cidade só vai ganhar maior notoriedade cerca de 20 anos depois, mais precisamente a partir de 1821, com a compra de uma grande gleba da região pelo português de origens inglesas George March. O desenvolvimento da cidade se dá a partir deste fato, já que nessa gleba é construída uma grande fazenda modelo, denominada Sant'Ana do Paquequer. Tal fazenda, que aos poucos foi passando a ser conhecida como Freguesia de Santo Antônio do Paquequer, foi a responsável por gerar o primeiro povoado de maior importância, desenvolvendo as atividades ligadas à agricultura, pecuária e também de veraneio da região. (WIKIPEDIA SOBRE TERESÓPOLIS)

Em 6 de julho de 1891, através de um decreto emitido pelo então governador Francisco Portella, a Freguesia - que até então pertencia à Magé - alcança a condição de município, passando a se chamar Teresópolis. Nas primeiras décadas do século XX, o município viveu um maior desenvolvimento quando recebeu uma linha ferroviária que saía da Estação Barão de Mauá, no Rio de Janeiro, passando por Magé e seguindo rumo a Teresópolis. Em 1957, com a construção da rodovia Rio-Teresópolis, as atividades ferroviárias foram encerradas no município. Infelizmente o que sobrou das linhas ferroviárias não foi preservada. (WIKIPEDIA SOBRE TERESÓPOLIS)

A partir da década de 80, Teresópolis experimenta um grande crescimento desordenado e sem planejamento, que traz até hoje problemas para a cidade, como um grande número de moradias em lugares de risco, além de problemas com enchentes. Recentemente, em 2011, sofreu um dos maiores desastres naturais do país e desde então a cidade, que passa por um período conturbado, luta para se manter como um ponto de interesse turístico dentro do estado do Rio de Janeiro. Um dos aspectos que dificulta a retomada da cidade como um lugar próspero é o cenário político, que passou por muitas reviravoltas nos últimos anos, tendo sido, inclusive, alvo de escândalos a nível nacional envolvendo corrupção e desvio de verba que seria destinada para recuperação dos familiares atingidos pelo desastre de 2011.

Por ser um município que se desenvolveu sem planejamento, a parte histórica da cidade tanto arquitetônica, quanto cultural, se perdeu ao longo dos

anos, tornando-se muito difícil encontrar informações concretas. A cidade conta com alguns equipamentos culturais que, por não receberem incentivo, acabam passando por um processo de sucateamento. Retrato do que acontece atualmente, onde um dos principais equipamentos culturais do município, a Casa de Memória Arthur Dalmaso, localizada na região central de Teresópolis, passa por um período de greve. Por causa desse cenário pouco interessado na cultura da cidade por parte da gestão pública, a parte de pesquisa histórica do presente estudo ficou restrita ao que é possível encontrar de material na internet.

Outros equipamentos culturais da cidade são o Teatro Municipal que se localiza no prédio da Prefeitura Municipal, a Praça Baltazar da Silveira, onde fica a Matriz da Igreja de Santa Teresa D'Ávila, a Casa de Cultura Adolpho Bloch, e o Palacete Granado, que abriga o SESC. Infelizmente, por falta de presença da prefeitura, com exceção do SESC, que promove grandes eventos culturais como o Festival de Inverno, os outros equipamentos citados se encontram em situação de abandono. É importante ressaltar que, apesar da falta de incentivo, é possível identificar algumas iniciativas populares e colaborativas que tem se apropriado de alguns espaços públicos, como a própria Praça Olímpica que recentemente recebeu o evento “Arte na Praça”.

Outro ponto importante a se destacar é que, apesar de Teresópolis desenvolver a cultura do skate desde o início dos anos 2000⁹, e abrigar, inclusive, uma das primeiras praças de esporte radicais do país - e já um dia considerada uma das cinco melhores do Brasil -, a Praça de Esportes Radicais Alexandre Oliveira não é considerada ponto de interesse cultural ou turístico pela prefeitura do município, já que não consta em seu site oficial. Assim como a praça de esportes radicais, o objeto de estudo da presente pesquisa, a Praça Olímpica, que é ocupada diariamente não apenas por skatistas, mas por diversos outros grupos, também não entra como atrativo cultural e turístico da cidade.

Esse foi um breve contexto acerca da cidade de Teresópolis, parte importante para contextualizar o leitor sobre sua história e formação, além de um panorama geral sobre os dias atuais no que diz respeito ao fomento cultural. No próximo capítulo, que trata a temática da praça, será retomado parte da história de Teresópolis mas sob o ponto de vista da Praça Olímpica.

⁹ Segunda revistas disponíveis na Casa da Memória Arthur Damasso.

CAPÍTULO 2: A PRAÇA

Um dos exercícios que o presente capítulo propõe é olhar a cidade a partir da praça. Mais precisamente entender de que maneira a praça se coloca entre dois elementos: a cidade e o corpo. Trata-se de um exercício porque seria muito pedantismo acreditar que é possível chegar a algum resultado concreto, ou qualquer coisa próxima de desvendar a complexa estrutura da cidade, considerando suas diversas óticas, imaginários e trocas simbólicas, sob o olhar de um único espaço - mesmo que um espaço igualmente complexo em sua formação.

Ainda que a cidade na antiguidade – em especial Atenas - fosse considerada a praça ampliada (GASTAL, 2006), é difícil imaginar que um único elemento possa representar toda essa complexidade. Contudo, neste capítulo, a praça será vista a partir de suas dimensões arquitetônicas e históricas como sendo um dos principais elementos da estrutura urbana, repleto de signos e significados na formação das cidades. Se for possível um vislumbre do que é esse emaranhado, algo significativo terá sido desenvolvido.

Para entender a praça na cidade, precisamos pensar a cidade, e também a praça. Já foi discutido aqui o que seria a cidade: uma complexa estrutura relativamente permanente que ganha vida com a sociedade em movimento, lugar de contradições e polaridades que determinam, também, a relação dos moradores com a arquitetura urbana.

A praça, por sua vez, sendo um importante elemento dentro dessa estrutura, é “o lugar do diálogo, do prazer, da festa (...)” (LE GOFF¹⁰, *apud* GASTAL, 2006, p.65), é uma importante matriz dentro da cidade e “talvez a matriz mais forte, pela sua reiterada presença.” (GASTAL, 2006, p. 74). A praça é fruto de uma construção social de imagens e imaginários que diferem de cultura para cultura.

Embora seja um conceito relativo, que diverge de cultura para cultura, a praça faz parte do imaginário urbano, o que significa dizer que pensar a praça é quase sempre visualizar um espaço de trocas, seja de natureza econômica, social ou cultural. Muito desse imaginário surgiu - e vem sendo fortalecido - desde a antiga

¹⁰LE GOFF, J. (1992). *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes.

Grécia e este capítulo servirá para investigar as praças em sua origem, mais uma vez do ponto de vista arquitetônico e do ponto de vista histórico-social.

2.1 O ESTUDO “DA PRAÇA”: O ESPAÇO DA VIDA SOCIAL

Em sua tese de doutorado, Caldeira (2007) tem a praça como seu objeto de estudo e faz um extenso trabalho de pesquisa acerca de suas origens. Apesar de seus esforços estarem relacionados a compreender a Praça Brasileira, um de seus objetivos é entender a trajetória desse elemento urbano desde a origem, com a Ágora grega, até o urbanismo moderno, com as praças de Brasília.

Caldeira (2007) desenvolve seu trabalho e sua leitura do espaço acerca não somente do ponto de vista formal, representado pelo desenho, mas também do ponto de vista funcional, apresentando as mudanças no uso e apropriação desse elemento, bem como o seu caráter simbólico e o desenvolvimento do seu papel no contexto urbano. Resgatando Rouanet (1997), e fazendo uma relação com a autora, Caldeira pensa a praça a partir das polaridades utilitário/estético, dentro da perspectiva arquitetônica e histórica.

A autora, ainda em sua parte introdutória, levanta uma questão importante no que diz respeito aos estudos urbanos, principalmente aqueles que têm na praça seu objeto de estudo. Destaca o *lócus* privilegiado desse elemento urbano, especialmente por seu caráter multifuncional, e explica que a busca pelos resgates de valores históricos e simbólicos desse espaço, faz com que atualmente¹¹ as praças estejam passando por um período de valorização dentro da perspectiva dos novos projetos urbanos. Sobretudo do ponto de vista da temática da qualidade de vida, já que a praça é um elemento de descompressão dentro da estrutura urbana - não somente por seu desenho amplo, mas por sua funcionalidade de abrigar atividades culturais e de lazer, representando assim um lugar rico em trocas, encontros e convívio.

¹¹ Mesmo que se referindo à primeira década dos anos 2000, esse ainda é um tema em voga, já que grandes cidades passaram e ainda estão passando por um processo de revitalização - como é o caso da cidade do Rio de Janeiro -. Nesse sentido, os temas que abordam a urbe estão cada vez mais presentes, ainda mais considerando a perspectiva atual onde a vida urbana, principalmente em grandes cidades, passa por uma crise no que diz respeito às questões sociais e políticas.

A autora lança mão da definição do termo “praça”, e explica não estar relacionado com aspectos puramente arquitetônicos, englobando outras discussões acerca da temática cultural e também política:

Pensado como espaço coletivo, o termo “praça” engloba questões socioculturais, uma vez que representa o lugar do encontro, onde se desenvolve a vida social, e o espaço de identidade, onde os grupos sociais se reconhecem e onde existe a possibilidade de trocas. O termo envolve também uma questão política, pois, segundo LOUISY(1988:18), a imagem da cidade forma-se a partir da relação dos seus habitantes com o espaço público. (CALDEIRA, 2007, p.15)

A ideia de que a formação da cidade se dá a partir da relação dos habitantes com o espaço público apresentada pela autora, retomo a discussão citada anteriormente, do resgate das praças como principal elemento de convívio dentro da estrutura urbana a partir da perspectiva contemporânea. Um dos principais pontos para entendermos esse resgate está relacionado principalmente às polaridades individual/coletivo tratadas por Rouanet (1997), ou, como Caldeira (2007) explica, dentro das esferas público x privado.

A autora fala sobre ter havido, em outros períodos, um enfraquecimento da vida pública. Fato que mostra que a discussão em torno da valorização deste elemento urbano está para além de uma questão propriamente formal - ou estética - , mas também utilitária, de resgate de uma vida compartilhada:

Embora esse prestígio esteja presente nas políticas contemporâneas, houve períodos nos quais o modelo de praça tradicional perdeu força como lugar de referência social. Esse ponto de inflexão na história da praça ocorreu, como afirma SENNET¹² (1998), vinculado a processos sociais, sobretudo ao enfraquecimento da vida pública e sua manifestação nos espaços urbanos, com o conseqüente esvaziamento desses espaços. (CALDEIRA, 2007, p.5)

Tal enfraquecimento da vida pública e o conseqüente esvaziamento dos espaços coletivos como a praça, segundo explica a autora, traz a temática dos conflitos entre as esferas público e privado que teve início a partir do séc. XIX, mas que, de alguma maneira, perdura até hoje em algumas cidades:

¹² SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público: As Tirânicas da Intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

SENNET (1988) lembra que, em um primeiro momento, a praça surge como um dos elementos que organizam o espaço urbano, redefinindo os papéis sociais. Posteriormente, a partir do século XIX, a praça passa a ser redefinida em função de uma nova concepção de cidade, a cidade moderna, pois, como afirma BRESCIANI¹³ (1992), é na primeira metade do séc. XIX que as cidades “associadas à idéia de modernidade [...] são problematizadas em questão urbana, concebidas como um espaço de tensões empíricas e conceituais, concepção que perdura na formulação do paradigma que orienta o conhecimento e a vivência nas cidades contemporâneas.” (CALDEIRA, 2007, p.6)

Ainda dentro da discussão sobre os espaços públicos - importante para os estudos dos equipamentos urbanos -, a autora aponta os estudos de ARENDT¹⁴ acerca das esferas *pólis* e *oikos*:

A vinculação do termo “espaço público” a um espaço geográfico está presente no estudo desenvolvido por ARENDT (1987) sobre a cidade-Estado grega. Em sua análise, Arendt identificou na pólis a existência de duas esferas distintas: a família; *oikos*) e a pública (a vida na cidade, a ação e o discurso) sendo esta última representada pelo espaço urbano da Ágora. Também HABERMAS¹⁵ (1984:15) estabeleceu uma distinção entre a “esfera da polis, que é comum aos cidadãos livres” e a “esfera do *oikos*, que é particular a cada indivíduo (*ida*)”. Em sua abordagem, a manifestação da esfera da vida pública e, portanto, do exercício da *vita activa*, da ação pública, ocorreria no espaço da Ágora. (CALDEIRA, 2007, p.16)

É importante ponderar tais questionamentos acerca da perspectiva contemporânea das praças antes de adentrar nas suas origens, já que tem se observado muitas mudanças nesse elemento urbano, principalmente dentro de um recorte muito próximo a nós, na cidade do Rio de Janeiro. Nos últimos anos a cidade do Rio de Janeiro experimentou um processo intenso de mudanças espaciais - muito impulsionado pelos grandes eventos que a cidade recebeu, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos -, e especialmente a região central sofreu grandes intervenções urbanas (seguindo, inclusive, uma tendência internacional de recuperação da área central de grandes cidades com o objetivo de criar projetos vitrine como meio de atrair mais turistas). Tais intervenções fizeram com que “surgissem” novos espaços de convivência, representados principalmente pelo elemento da praça.

¹³ BRESCIANI, Maria Stella M. “Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades” in FERNANDES, A. e GOMES, M. A. de F. Cidade e História. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, Faculdade de Arquitetura, ANPUR, 1992:11-26

¹⁴ ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

¹⁵ HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Além disso, se faz necessário buscar compreender de que maneira os atores da cidade tem se relacionado com esse elemento dentro da lógica da discussão de público x privado (ou individual x coletivo), já que hoje passamos por um período de resgate da vida pública como forma de se apropriar da cidade, mantendo-a viva. Mais para frente a discussão entorno dos usos contemporâneos da praça será retomada, e será falado como o elemento da praça sofreu alterações em suas formas tanto utilitária quanto estética, do ponto de vista da dimensão histórico-social, e arquitetônica.

Retomando as questões acerca das origens da praça, em sua tese, a autora cita a obra de Marcus Vitruvius, arquiteto romano do século primeiro, que destacava a importância de espaços públicos na formação das cidades em sua obra *De Architectura Libri Decem*¹⁶ e fala da necessidade da existência das praças com um local de destaque entre os principais edifícios da cidade. A praça representava o espaço de maior vitalidade da cidade, propício ao encontro e convívio social e tem desenvolvido um papel essencial dentro da cultura ocidental (CALDEIRA, 2007).

Se hoje as praças representam um espaço camaleônico que abriga diversos tipos de apropriação, em sua origem, as praças eram, antes de tudo, o espaço de se colocar na cidade, praticar a vida pública. A *Ágora* grega, principal referência no estudo de origem das praças, constituiu um dos mais importantes elementos urbanos da civilização grega e um dos principais lugares de encontro dos cidadãos. Segundo Caldeira (2007), na reconstituição da *Ágora* de Atenas (Figura 3) é possível observar a importância dimensional desse elemento, destacado pelo contraste entre o vazio da praça com a estrutura densa do tecido urbano.

Além dos limites bem definidos por edifícios institucionais, sagrados e comerciais, a *Ágora*, que podia ser visualizada por toda a comunidade, era estrategicamente situada para reforçar o simbolismo de centro político-social da cidade, e essa concepção legitimava uma função estética a uma prática cidadina primordial. A *Ágora* representava, nesse sentido, “o lugar do domínio público” (CALDEIRA, 2007). Era nesse espaço que os cidadãos manifestavam a vida pública e política, através da ação e do discurso. Abaixo seguem duas fotos de representação da *Ágora* de Atenas.

¹⁶ Tratado sobre arquitetura e atividade do arquiteto escrito por Marco Vitruvius Polião no século I a.C.



Figura 3 - Reconstituição da Ágora de Atenas - Século II a.C.
 Fonte: CALDEIRA (2007, p. 18)

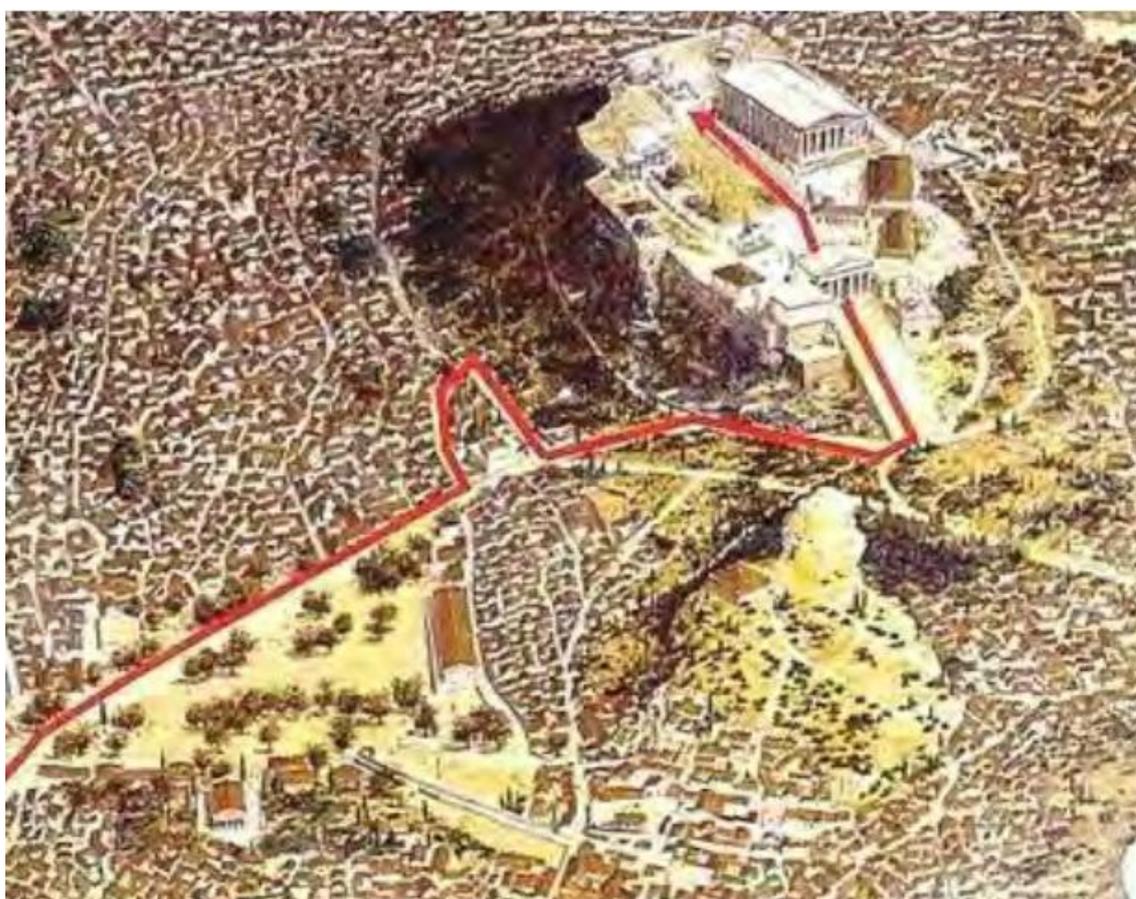


Figura 4 - Reconstituição da cidade de Atenas(Vista da acrópole e da praça Ágora. Em vermelho destaca-se a vida pertanaica - trajeto destinado à desfiles e apresentações cívicas)
 Fonte: CALDEIRA (2007, p.18)

Assim como a Ágora, a Praça do Fórum na civilização romana é outro exemplo de praça que desempenhou um papel essencial na vida da urbs. Segundo explica Caldeira (2007), a praça do Fórum, de estrutura monumental, também

delimitada por edificações institucionais, religiosas e comerciais, e decorado com escultura, arcos e colunas, alcançou um destaque nas cidades de origem militar. O Fórum era o centro vital da malha urbana, localizado no principal cruzamento dos eixos ordenadores da cidade. Abaixo é possível observar a representação do Fórum Romano (Figura 5), e o detalhe de Pompéia (Figura 6), que é um dos exemplos de cidade que constitui essa ordenação urbana.



Figura 5 - Reconstituição do Fórum Romano

FONTE: CALDEIRA, 2007, p. 19.



Figura 6 - Detalhe do Fórum de Pompéia

Fonte: CALDEIRA (2007, p.20)

Gênese dos espaços coletivos, a Ágora e o Fórum eram o espaço para praticar a vida urbana e cívica, o principal local de encontro dos cidadãos e constituíram verdadeiros centros de vida social nas cidades ocidentais.

Depois de tratar da Ágora e do Fórum, Caldeira (2007) adentra nos estudos das praças medievais e explica que os espaços coletivos eram o lócus de todos os acontecimentos da vida cotidiana medieval: ruas e praças abrigam trabalho, comércio e lazer, além de feiras, festas, procissões e representações teatrais. As praças medievais, nesse sentido, representaram o espaço de interação social.

A configuração da praça medieval foi marcada pelo contraste do vazio na densa malha urbana, e estruturava uma diversidade de espaços: a praça do mercado, praça da igreja, praça cívica, praça de entrada, praça central. Abaixo é possível observar a praça cívica da cidade de Florença. (Figura 7)



Figura 7 - Piazza Della Signoria, praça cívica de cidade de Florença
Fonte: CALDEIRA (2007, p.24)

Ainda sobre a praça medieval, Caldeira (2007) destaca o que BAKHTIN¹⁷ (1987:132) fala sobre a praça como importante espaço de manifestação cultural dentro da cultura medieval, inclusive sinônimo de liberdade e expressão da palavra:

A praça pública no fim da Idade Média e no Renascimento formava um mundo único e coeso onde todas as “tomadas de palavra” (desde as interpretações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade. [...] A praça pública era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de “exterritorialidade” no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo tinha aí sempre a última palavra. (CALDEIRA, 2007, p.25)

É somente a partir do Renascimento - com o crescimento urbano, desenvolvimento do mercantilismo, e mudanças nas relações no espaço citadino -, que a praça se transforma em objeto de estudo. Em contraste com o ambiente medieval de liberdade e espontaneidade, o período do renascimento vai prezar pela busca da ordem e disciplina, além do desenvolvimento do modelo de cidade ideal. A praça, nesse momento, adquire uma rígida geometria com a função de ser o elemento estruturante do desenho urbano. O espaço urbano, por sua vez, adquire o conceito de cenário, onde “a geometria e a perspectiva tornam-se base da ordenação espacial” (CALDEIRA, 2007). Nas duas fotos que seguem, é possível observar a representação do cenário ideal de cidade renascentista (Figura 8), e também o ideal de praça (Figura 9).



Figura 8 - A praça ideal na cidade renascentista, século XV

Fonte: CALDEIRA (2007, p. 28)

¹⁷ BAKTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: HUCITEC, 1987.



Figura 9 - Piazza Dell Campidoglio

Fonte: CALDEIRA (2007, p. 28)

É a partir da segunda metade do século XVIII que o equilíbrio entre as esferas pública e privada começam a se alterar. A praça e a rua perdem força como símbolos de vida pública e teatros, bares, e cafés tornam-se alternativa para espaços de convivência. A cidade torna-se, nesse sentido, local de afirmação de uma burguesia ascendente, e o deslocamento de atividades coletivas para áreas fechadas - muitas vezes restrita a essa burguesia -, como a atividade comercial por exemplo, promove a primeira onda de esvaziamento do espaço público como um todo, incluindo a praça. (CALDEIRA, 2007)

A partir da segunda metade do século XIX, o rápido crescimento das cidades faz surgir uma mudança estrutural na escala, onde as intervenções urbanas deixam de ser restritas a pequenos espaços da cidade, e passam a ser abrangentes. Segundo explica a autora, esse movimento faz com que surjam estratégias urbanas globais, tornando a cidade moderna um reflexo do avanço tecnológico proporcionado pelo desenvolvimento industrial (CALDEIRA, 2007).

Essa nova configuração de cidade, que substitui ruas tradicionais por sistemas de fluxo contínuo, faz com que a permanência nesses espaços públicos se torne desconfortável, o que favorece a valorização de espaços fechados - muitos deles restritos somente à burguesia, como falado anteriormente -. Tal valorização de um meio de vida menos público e mais privado, propicia o conseqüente enfraquecimento da vida pública, e favorece o declínio da praça como espaço de convivência e troca.

A praça, antes vista como espaço de praticar a vida pública, e um importante espaço de manifestação cultural da cidade - senão o mais importante -, passa a

fazer parte do sistema viário e assume um lugar de passagem na cidade moderna. Nesse contexto, a rua vira lugar de circulação e deslocamento, e a praça, um amplo espaço vazio.

Entretanto, como já foi falado anteriormente, atualmente a praça por um processo de valorização dentro dos novos projetos urbanos - alavancada principalmente pela discussão da retomada do espaço público. Nesse novo contexto, a praça contemporânea reassume seu importante papel no espaço da cidade, ressurgindo como protagonista da vida social compartilhada.

É importante destacar que no ocidente - especialmente nas colônias que foram “influenciadas” pelas religião cristã, como é o caso do Brasil -, as praças sempre tiveram um papel essencial no processo de formação das cidades (principalmente as cidades de interior), sobretudo no que se refere à construção da vida pública, que se dava na praça da Igreja Matriz.

É o caso de Teresópolis que, apesar de ter crescido e se desenvolvido de forma desordenada nas últimas décadas, ainda se mantém uma cidade de pequeno porte, não tendo passado por grandes mudanças urbanas e nem tido sofrido influência de projetos globais que transformassem a cidade em um reflexo da cidade moderna, com vias de fluxo rápido e contínuo. Teresópolis ainda é uma cidade que consegue se manter em um fluxo lento muito próprio das cidades de interior. Por causa dessa particularidade, é uma cidade que conseguiu manter a praça como um dos mais importantes espaços de manifestação cultural, e lugar onde o corpo se coloca de forma fixa na cidade.

Um exemplo disso é o objeto de estudo da presente pesquisa, a Praça Olímpica, que será tratada na sequência desse mesmo capítulo.

2.2 A PRAÇA OLÍMPICA E SUA FORMAÇÃO HISTÓRICA

A Praça Olímpica Luís de Camões é uma praça localizada na região central do município de Teresópolis, mais precisamente na esquina da Av. JJ. de Araújo Regadas com a Av. Lúcio Meira, e também compreende a Rua Manoel Madruga, como é possível observar na foto abaixo. (WIKIPEDIA SOBRE PRAÇA OLÍMPICA)

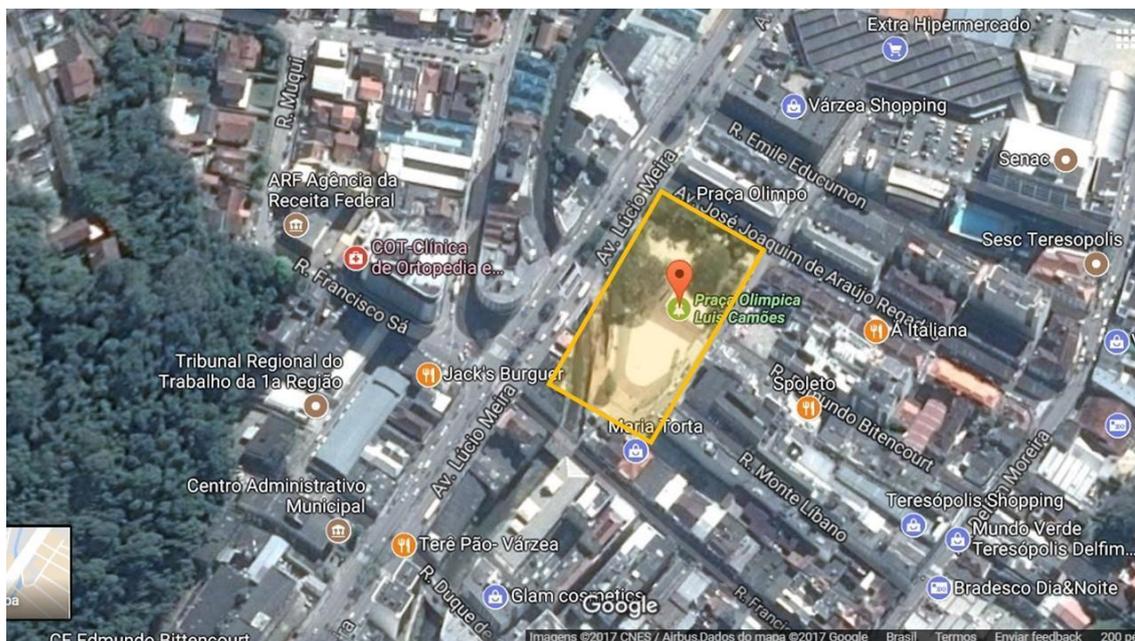


Figura 10 - Imagem aérea da localização da Praça Olímpica

Fonte: Google Maps

Inicialmente a região cortada pelo rio Paquequer era propriedade da Família Granado, que construiu junto ao rio um lago artificial com pontes decorativas, que ficou conhecida como Ilha da Saúde. Foi em 1953¹⁸ que a região foi desapropriada pelo então prefeito Roger de Souza Malhardes, iniciando um processo de aterramento e urbanização. Em 6 de julho de 1953 é inaugurada a Praça Luís de Camões, que recebeu o nome do escritor português como uma homenagem à comunidade portuguesa da cidade. A princípio a praça não comportava atividades esportivas.

Em 1957, o então prefeito José de Carvalho Janotti inicia a transição de uma praça tradicional para uma praça que abrigasse as mais diversas atividades esportivas. Foi inaugurada em 6 de julho do mesmo ano a nova praça que agora passou a se chamar Praça Olímpica Luís de Camões e contava com um campo de basquete, rince de patinação e um parque infantil, tendo como principal atração da inauguração um jogo exibição de hóquei.

¹⁸Existe um conflito de datas no que se refere ao ano de desapropriação da região, em alguns lugares, como o Wikipédia, fala-se sobre o ano de 1949, enquanto que em outros, documentos existentes na Casa da Memória Arthur Dalmasso, fala-se sobre o ano de 1953.



Figura 11 - Vista da Praça Olímpica Luís de Camões

Fonte: Biblioteca IBGE Cidades¹⁹

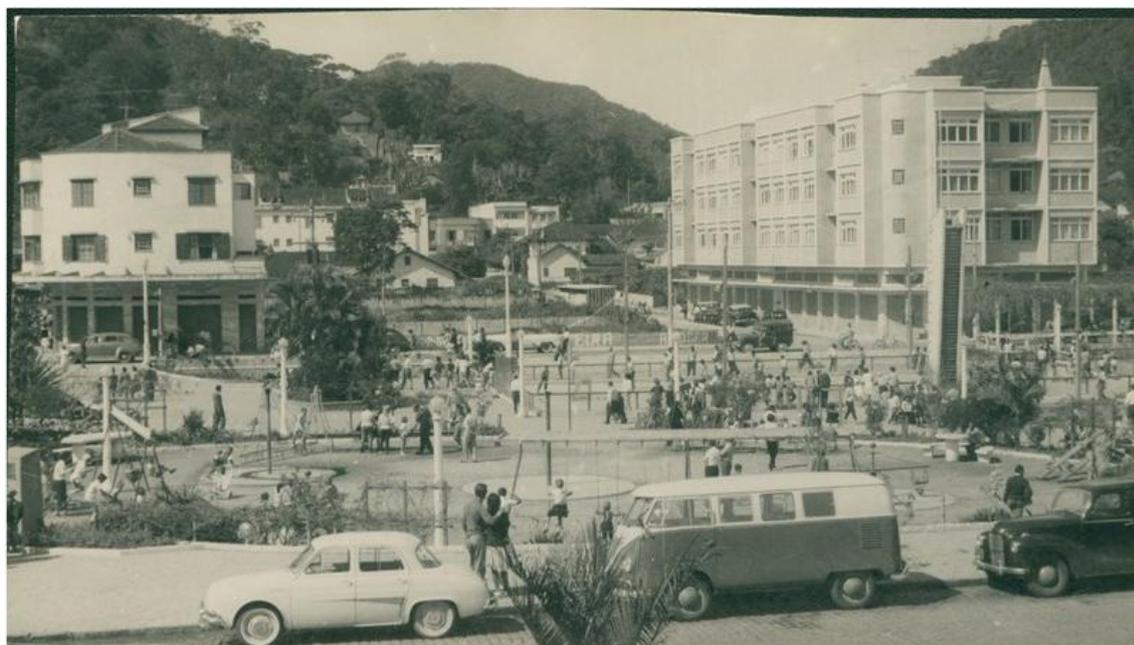


Figura 12 - Vista da Praça Olímpica Luís de Camões

Fonte: Biblioteca IBGE Cidades²⁰

¹⁹ Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448709>>. Acesso em 28 nov de 2017.

²⁰ Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448708>>. Acesso em 28 nov de 2017.

Entre as décadas de 60 e 70 a praça foi palco de grandes campeonatos de vôlei, basquete e hóquei sobre patins, atraindo grande público e se tornando um dos principais pontos de encontro da cidade.

No década de 90, a praça abrigou grandes show e comícios, festas populares e bailes de carnaval. A partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000, com a chegada e popularização do skate no Brasil - alavancada por conta de alguns brasileiros que ganharam destaque na cena internacional, como o caso de Bob Burnquist e Sandro Dias -, o esporte, que à época foi difundido principalmente pela modalidade *street* (skate de rua), começou a aparecer tanto nas ruas do município, como na Praça Olímpica.

A praça, que não possuía estrutura para o esporte - infelizmente até hoje não possui -, se tornou o principal palco da cidade para os skatistas, que adaptavam o que existia de mobiliário urbano no espaço para criar manobras. A apropriação dos skatistas junto à praça foi tamanha que em outubro de 2004 é inaugurada a Praça de Esportes Radicais Alexandre Oliveira há pouco mais de 900m de distância da Praça Olímpica. Apesar de desde 2004 os praticantes do esporte terem um espaço para eles, a apropriação do território da praça se mantém até os dias atuais, tanto que virou objeto de estudo da presente pesquisa.

Do ponto de vista arquitetônico e urbano, a praça forma um grande vazio na estrutura urbana - apesar de contar com arborização em parte dela. O espaço é afundado para dentro do terreno e fica a mais ou menos 1m do nível da rua - o que faz com que sofra com problemas de transbordamento de água quando chove, se transformando em uma verdadeira piscina. Por estar afundada no terreno, os limites da praça são bem definidos, não havendo assim um caráter de passagem no espaço. Ou seja, as pessoas na praça dificilmente serão passantes, a grande maioria que se mantém no espaço da praça durante o dia está lá para aproveitar do que ela dispõe.

Metade da praça - a área mais arborizada - concentra as duas quadras de uso misto, cercadas por um gradil, e o parquinho infantil. A outra metade da praça compreende um grande vazio - onde se localizava a antiga quadra de patinação -, que é demarcado com pavimentação, além de uma espécie de palco, uma arquibancada de três degraus e um grande posto policial onde já funcionou a Secretaria de Esportes do município. A praça apresenta uma carência de mobiliário urbano, como bancos e lixeiras e atualmente sofre com problemas de degradação

do patrimônio, com pichações, além do descaso da própria prefeitura com problemas de acúmulo de lixo.

Recentemente, no ano de 2013, a praça foi fechada para receber melhorias como parte das obras da cidade para a Copa de 2014. As obras atrasaram e a praça foi devolvida à população somente no final de 2015. O projeto, que compreendia mobiliário para a prática do skate, não foi cumprido. Hoje, como citado anteriormente, a praça passa por um período de abandono, tendo o atual prefeito “devolvido” o terreno da praça aos proprietários originais, a Família Granado, que até hoje luta na justiça pelo pagamento da dívida de mais de R\$ 500 milhões, fruto da desapropriação do terreno ainda na década de 50.



Figura 13 - Reinauguração da Praça Olímpica em 30 de dezembro de 2015

Fonte: Roberto Ferreira²¹

Tendo sido abordado o estudo “da praça” - que corresponde a volta às origens do elemento praça -, e em sequência tendo trazido o levantamento histórico e arquitetônico da praça que é o objeto de estudo em questão, agora será passado para a parte do estudo “na cidade”, e “na praça”. Esse estudo será conduzido através da temática do corpo, a menor estrutura (ou camada) da presente pesquisa,

²¹ Disponível em <<http://teretotal.blogspot.com.br/2015/12/praca-olimpica-e-entregue-populacao.html>> Acesso 28 nov de 2017.

que partiu do macro, a partir do estudo da cidade, indo para a estrutura intermediária, representada pela praça, e agora adentra o estudo do corpo, chegando, assim, ao micro.

CAPÍTULO 3: O CORPO

3.1 O CORPO NA CIDADE SEGUNDO PAOLA JACQUES

Paola Jacques (2007) trabalha a temática da corpografia urbana e levanta questionamentos importantes acerca das cidades contemporâneas. O primeiro ponto que a autora aborda está relacionado ao processo de espetacularização das cidades contemporâneas. Tal processo, segundo Jacques, se refere aos novos projetos urbanos que transformam as cidades em receptáculos de turistas ou produtos da especulação imobiliária.

A autora explica que a criação de cidades-museu, cidades genéricas, cidades shoppings ou, em resumo, cidades espetáculo, está diretamente relacionada com a diminuição da experiência corporal na cidade:

O processo de espetacularização parece estar diretamente relacionado a uma diminuição tanto da participação cidadã quanto da própria experiência corporal das cidades enquanto prática cotidiana, estética ou artística no mundo contemporâneo. (JACQUES, 2007, p. 93)

A diminuição da experiência corporal na cidade a que a autora se refere, está, nesse sentido, diretamente ligada com a ausência de participação popular nos processos de revitalização urbana. O que se entende por parte daqueles que criticam esse processo de transformação dos espaços urbanos em cenários de espetáculos turísticos, é justamente essa ideia de que “quanto mais espetaculares forem as intervenções urbanísticas nos processos de revitalização urbana, menor será a participação da população nesses processos, e vice-versa” (JACQUES, 2007, p. 94).

Tal crítica aponta para outros questionamentos acerca da ausência - que pode ser pensada como privação, uma vez que tais projetos atendem a outros interesses, principalmente do capital - da participação da população nesses processos. É possível perceber que quanto menor o interesse por parte do poder público, responsável por esses projetos, em compreender as práticas cotidianas, menor vai ser a participação da população.

É importante destacar que poucos são os projetos que buscam entender tais práticas - e, nesse sentido, pouco tem participação da população -, na maioria das vezes os projetos se dão de forma vertical. Tais projetos são, em outro sentido, testados pelos moradores, o que faz com que sejam validados ou não. Ou seja, ainda que impostos verticalmente, os moradores e aqueles que se apropriam do espaço da cidade, agem em um sentido de resistência à essa verticalidade.

Entender a experiência corporal como ação de resistência à esses processos de criação de cidades-espetáculo é um dos caminhos alternativos explorados pela autora:

Quais seriam então algumas alternativas possíveis ao espetáculo urbano? A participação, a experiência efetiva ou prática dos espaços urbanos são pistas interessantes. Estas pistas passariam necessariamente pela própria experiência corporal, sensorial, da cidade. A redução da ação urbana, ou seja, o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo, leva a uma perda da corporeidade, os espaços urbanos se tornam simples cenários, sem corpo, espaços desencarnados. Os novos espaços públicos contemporâneos, cada vez mais privatizados ou não apropriados pelos habitantes locais nos levam a repensar as relações entre urbanismo e corpo, entre o corpo urbano e o corpo do cidadão. A cidade não só deixa de ser cenário mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. (JACQUES, 2007, p.94)

A autora explica ainda que a experiência urbana corporal pode ser estimulada por uma prática de errâncias, resultando em *corpografias urbanas*. “A corpografia seria um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade [...]” (JACQUES, 2007, p.95)

Jacques aponta sobre a prática, a vivência, a própria experiência na cidade atualizar os novos projetos urbanos que, a princípio, não contemplam o estudo e aprofundamento das práticas cotidianas:

São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. [...] Os praticantes da cidade, como os errantes, realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão “corpo” pela simples ação de percorrê-los. (JACQUES, 2007, p. 95)

Resgatando os conceitos de paisagem x espaço trabalhados por Santos (1988) no primeiro capítulo, onde paisagem aparece como algo relativamente estático e espaço aparece como a vida em movimento na paisagem, fazendo uma

relação, o que a autora explica, por assim dizer, é que a paisagem cidade se torna um espaço vivido a medida em que se experimenta, percorre, e mais do que isso, que essa experiência fica marcada no corpo de quem a vivencia.

[...] Ou seja, para eles a cidade deixa de ser uma cenografia no momento em que ela é vivida. E mais do que isso, no momento em que a cidade, o corpo urbano, é experimentada, esta também se inscreve, e dessa forma sobrevive e resiste, no corpo de quem a pratica. (*idem*)

A autora explica que experienciar a cidade é um ato de resistência na medida em que revela e denuncia o que os novos processos de espetacularização urbana excluem. Isso significa dizer que o processo de espetacularização que transforma o espaço da cidade em um espaço puramente mercadológico, onde a cidade se torna uma mercadoria, seja para o turismo ou para a especulação imobiliária, acaba por favorecer e valorizar disciplinas urbanísticas hegemônicas que na maioria das vezes desconsideram as diversas formas de apropriação do espaço urbano, sobretudo as micro práticas cotidianas.

Ao considerar os errantes como parte principal de resistência que se manifesta através do corpo na cidade, Jacques (2007) explica que o errante é aquele que busca o estado de espírito - ou do corpo, como cita a autora - errante, experimentando a cidade através de errâncias, mais preocupado com práticas e ações do que com representações e projeções.

O errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa, mas a experimenta de dentro, sem necessariamente produzir uma representação qualquer desta experiência além, é claro, das suas corpografias que já estão incorporadas, inscritas em seu próprio corpo. (JACQUES, 2007, p.98)

Todos os conceitos abordados por Jacques (2007) acerca da experiência corporal na cidade - que resultam no que a autora chama de corpografias urbanas -, são muito importantes para entender o corpo enquanto um elemento fixo, conceito que está sendo desenvolvido neste estudo. Se colocar na cidade como um experienciador, além de representar uma resistência frente aos novos processos que as cidades contemporâneas têm passado, também deixam marcas impressas no corpo. No caso do presente estudo, tais marcas da experiência urbana se apresentam inclusive visualmente através das errâncias que o próprio esporte vivenciado no espaço da cidade proporciona.

O que o presente estudo se propõe é olhar as errâncias a que a autora se refere, do ponto de vista do skate. Enquanto uma atividade corporal, o skate exige que se erre, fazendo com que novas manobras surjam dos erros. Metaforicamente, assim é o espaço vivenciado na cidade, ainda que projetado para receber usos específicos indicados pelos próprios urbanistas, é a experiência na cidade - a partir das errâncias -, que legitima os usos, ou criam novos.

A Praça Olímpica, apesar de ser um espaço pensado para a prática de esportes, não contempla aquilo que é necessário para a prática do skate, tendo que ser adaptada por parte daqueles que vivenciam a praça e o esporte, se utilizando muitas vezes do próprio mobiliário urbano existente. Ou seja, existe uma troca entre cidade e corpo, muito própria desta experiência corporal na cidade, onde o corpo é marcado por esta experiência, e a cidade, por sua vez, também o é. São marcas que cidade e corpo dividem - e também a praça, que aparece como um mediador entre esses dois elementos, cidade e corpo, aparentemente polares, mas que se misturam fazendo parte de um mesmo processo.

A seguir, na segunda parte do presente capítulo, tais marcas em comum serão exploradas a partir do trabalho de campo.

3.2 OS PROTAGONISTAS: OS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA

Nessa segunda parte do terceiro capítulo, apresentarei a pesquisa de campo e o que pude perceber da relação dos skatista com a cidade, a praça, e, finalmente, com o corpo. De que maneira, todos os conceitos abordados nos capítulos anteriores poderiam estar presentes nas falas dos nossos atores. Apesar de a presente pesquisa tratar de três diferentes personagens, a cidade, a praça, e o corpo, e cada um ter sua devida importância dentro da obra final, é possível dizer que a segunda parte deste capítulo tratará dos protagonistas - retomando o que Magnani (2002) fala sobre a importância de resgatar os principais atores da cidade.

Como falado anteriormente, meu primeiro contato com a Praça Olímpica aconteceu “de longe”, a partir do olhar atento de um passante, mas sem ainda me aproximar dos atores principais do presente estudo. Sobre esse primeiro movimento, foram registradas algumas fotografias que disponibilizo a seguir.



Figura 14 - Imagem da Praça Olímpica no período da tarde
Fonte: Acervo pessoal



Figura 15 - Imagem da Praça Olímpica no período da tarde
Fonte: Acervo pessoal

A primeira observação que fiz durante alguns dias de passagem atenta, foi a reiterada presença dos skatistas no espaço da praça - juntamente com os skatistas aparece o grupo da bike, todos utilizam o mesmo espaço. Em um primeiro momento, os horários em que fiz o exercício de observar a praça mais atentamente aconteceram no período da tarde. Mais à frente, fazendo o exercício de voltar em outros horários, como de manhã, por exemplo, pude perceber uma configuração corporal-espacial completamente descaracterizada sem a presença dos skatistas e de outros atores, como é possível observar nas fotos a seguir.



Figura 16 - Imagem da Praça Olímpica no período da manhã
Fonte: Acervo pessoal



Figura 17 - Imagem da Praça Olímpica no período da manhã
Fonte: Acervo pessoal



Figura 18 - Imagem da Praça Olímpica no período da manhã
Fonte: Acervo pessoal

Tendo feito o exercício de observar a praça “de longe” em diferentes horários, e identificado os horários em que os adolescentes se colocavam no espaço da praça, passei então para o contato “de perto”.

Meu contato aproximado com os protagonistas deste estudo se desenvolveu em alguns encontros durante o presente semestre. No primeiro deles, cheguei na Praça Olímpica na parte da tarde, por volta das 15h. Logo que cheguei, haviam dois adolescentes andando de skate, outros quatro de bike e alguns outros sentados observando - além de diversos outros grupos que jogavam bola na parte das quadras.

Não havia me preparado para o encontro, nem ao menos pensei que tipo de perguntas faria - tinha somente um direcionamento do que seria interessante para o estudo, pensei em conduzir minhas perguntas de acordo com os conceitos trabalhados por Rouanet (1997) no primeiro capítulo, que trata as quatro polaridades da cidade: aberto/clausura, individual/coletivo, estético/utilitário, novo/antigo. Achei que seria um bom começo, mas queria manter a espontaneidade e receber o que a conversa apresentasse.

Meu primeiro movimento foi observar como as pessoas circulam pela praça, se cortando o espaço dos skatistas, se respeitando as demarcações delimitadas, tanto as arquitetônicas e concretas - através de pavimentação, jardins, e monumentos -, ou mesmo as invisíveis, colocadas a partir do próprio corpo no espaço, resultado da apropriação do grupo. Percebi que o espaço dos skatistas é bem demarcado, tanto pelos limites concretos quanto pelos invisíveis, mas ao mesmo tempo se mostram elásticos, com passantes cortando o espaço de forma livre.

Depois desse primeiro exercício, me atentei para os skatistas, e percebi que um dos dois adolescentes que estavam andando de skate parou para descansar, e então me aproximei e perguntei se poderia me sentar ao lado dele. Ele tirou os fones de ouvido e falou que estava *tranquilo*. Disse a ele meu nome, me apresentei como estudante de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense e expliquei sobre o meu trabalho de conclusão de curso, que seria sobre os skatistas da Praça Olímpica. Perguntei seu nome, sua idade, se poderíamos conversar e se ele topava responder algumas perguntas.

Davi tem 16 anos, é morador do bairro de Pessegueiros - que fica a 9km do centro de Teresópolis -, e estuda em uma escola próxima ao centro. Por morar

muito longe, frequenta a praça no horário da tarde depois da sua escola, entre 13h e 18h. Perguntei como ele ia da escola para a praça e ele me respondeu que de ônibus pois a praça fica afastada de sua escola. Me disse também que muitas das vezes vai para a praça sem o skate pois sabe que encontrará os outros colegas por lá.

Minhas perguntas, como dito anteriormente, giraram em torno do aspecto histórico de cada ator e sua relação com a praça, a partir da visão do skate. Para entender que caminhos levaram Davi até a praça e ao skate, perguntei a ele há quanto tempo ele praticava o esporte, e ele me respondeu que começou a andar de skate quando tinha 10 anos, mas que havia parado por alguns anos e retornou há quatro meses incentivado por alguns amigos da escola.

Logo nos nossos primeiros minutos de conversa, Davi falou sobre algo essencial para entender o que leva os skatistas até a praça. Perguntado se a Praça Olímpica era o principal ponto de encontro entre ele e os colegas dele, Davi me respondeu - “*depende muito... tipo, tá ligado a pista? do lado da rodoviária? eu tava lá agora, vim de lá*”. Davi me disse que os dois principais pontos para andar de skate em Teresópolis são a pista (ou Praça de Esportes Radicais, como é mais conhecida entre aqueles não muito familiarizados com o esporte), e a P.O. - abreviação que o grupo usa para Praça Olímpica.

Perguntei então qual dos dois ele preferia, se a pista ou a praça olímpica, e ele respondeu que, por estar começando, a praça é melhor por ter um *chão liso*. Apesar de não se tratar de uma preferência, já que Davi diz que o que acontece, na realidade, é que ele e a galera enjoam da pista por ter muitas rampas - e satisfazer apenas a uma modalidade de skate-, então vão para a praça praticar uma outra modalidade, a modalidade *street*²², e principalmente a *galera do long*²³.

Apesar de ter conhecimento sobre a Praça de Esportes Radicais, por querer trabalhar a temática da praça, optei por manter a Praça Olímpica como meu objeto de estudo. No entanto, o trabalho de campo me permitiu entender que existe uma espécie de circuito que leva os skatistas da Praça Olímpica até a Praça de Esportes Radicais e vice versa. Senti, então, a necessidade de ir até a Praça de Esportes Radicais, parte da pesquisa de campo que tratarei mais à frente.

²² Prática do skate nas ruas e calçadas. (MODALIDADES DO SKATE)

²³ Tipo de skate que se caracteriza por ter a base de madeira maior. (MODALIDADES DO SKATE)

Quando perguntado o que o fazia andar de skate, Davi me disse que vê como um momento de se desligar e também de se encontrar com a galera. Perguntei como os outros skatistas recebem quem está começando, como ele, e ele me responde que existe muito respeito e que *“o pessoal até ajuda com as manobras”*. Nesse sentido, foi possível perceber pela fala de Davi que a ideia de coletivo é bem presente, enquanto que o individual bem diluído. Existe um senso de comunidade onde um ajuda o outro - e que mais para frente veremos não somente na fala de outros adolescentes, como também é algo que eu percebo no decorrer dos encontros.

Para entender melhor de que maneira se constrói essa ideia de coletivo dentro do grupo, perguntei ao Davi se a galera combinava os encontros através de algum grupo de facebook ou whatsapp, e se ele desistia do rolê se chegasse e não encontrasse ninguém. Davi me respondeu: *“não combino nada e nem desisto, porque sempre tem gente... se não tem aqui, tem na pista”*. Ou seja, a ideia de corpo fixo trabalhada no presente estudo já começa a aparecer, onde a ocupação já é uma marca do espaço, e os adolescente não necessitam se quer marcar um encontro pois já tem a certeza da presença de alguém do grupo.

Pergunto ao Davi o que ele sente quando anda de skate, e ele responde que é um momento em que se desliga do mundo e que também se encontra com os amigos. É um ponto interessante na fala do Davi - que aparece na fala de outros adolescentes também - onde um novo tipo de polaridade se mostra: a ideia de se desligar/interagir, que conversa muito com a polaridade individual/coletivo trabalhada por Rounet (1997).

Ou seja, ao mesmo tempo em que a prática é individual, em uma relação muito introspectiva e concentrada, existe também o interagir, compartilhar. Aparece na fala de um outro ator, o Matheus, que falarei mais a frente, sobre como estar em grupo torna a prática mais divertida, uma vez que um incentiva o outro a superar seus próprios desafios. É como se a prática fosse legitimada na presença de outros. Além disso, entre uma manobra e outra, um rolê e outro, o grupo interage sobre diversos assuntos, nem sempre pautados por conversas sobre a própria prática, mas também da vida pessoal de cada um.

Após dez minutos de conversa com Davi, um outro menino se aproxima, cumprimentando com um gesto de mão ao Davi, e depois a mim. Curioso, senta ao nosso lado e pergunta ao Davi se eu sou nova ali, e eu novamente me apresento e

explico minha pesquisa. Digo que o Davi estava me auxiliando respondendo algumas perguntas e o pergunto então se poderíamos trocar uma ideia também.

Nesse momento, minha conversa, que se iniciou com o Davi, contava agora também o Adenir, adolescente também de 16 anos, morador do bairro de São Pedro - um dos bairros mais densos em termos demográficos de Teresópolis -, estudante do Lyons, uma escola próxima a parte central da cidade. Adenir, que começou a frequentar a praça e a andar de skate há pouco mais de dois anos, assim como Davi - e a grande maioria dos outros adolescentes -, vai no horário da tarde, depois da escola.

Pergunto de que maneira ele chega na praça, se através de ônibus ou com o próprio skate e, diferente do Davi que chega até a praça de ônibus, Adenir diz muitas vezes ir no próprio skate, já que estuda próximo. Pergunto se eles recebem incentivo em casa para irem até a praça e Davi responde que sim, pois a mãe sabe que é algo que ele gosta, e o Adenir responde que *“Nem aviso mais porque só fico aqui”*.

Pergunto aos dois qual a relação deles com o próprio skate, se existe, por exemplo, algum tipo de disputa pelo melhor skate, e os dois respondem que não existe disputa. Dizem também que muitas vezes eles nem levam o skate, por saberem que encontrarão a galera na praça, e dessa forma poderão trocar. Inclusive, pude observar que eles usam os próprios skates dos colegas como obstáculo para manobras e não há nenhum conflito nisso, existe um clima muito amigável de compartilhamento.

Dou continuidade a nossa conversa perguntando se eles se sentem parte da praça, se já tiveram problemas, se já se sentiram reprimidos por parte dos outros usuários da praça, por policiais ou mesmo os guardas municipais. Os dois contam que se sentem parte da praça e que nunca tiveram qualquer tipo de problema, nem com outros usuários da praça, sendo skatistas ou não. Perguntei se existia conflito de usos entre eles, os skatistas, e o pessoal da bike e eles respondem que nunca presenciaram nenhuma briga, e que todos se respeitam muito.

De fato, nas vezes em que estive na praça, tanto observando quanto conversando com o grupo, não percebi nenhum tipo de conflito apesar de utilizarem o mesmo espaço no mesmo horário. Pude perceber esse clima amistoso entre bike e skate também nas visitas que fui fazer a Praça de Esportes Radicais.

Pergunto a Davi e Adenir se eles sentem que o espaço da praça foi pensado para eles e os dois me respondem que acreditam que sim - já que a praça é utilizada para a prática do skate há muitos anos -, apesar de acharem que falta estrutura para eles. Perguntei, então, da presença do poder público quanto a eventos culturais relacionados ao skate, e eles respondem que muito raramente acontece um concurso ou evento cultural e que nunca parte da prefeitura, sempre deles próprios. Eles mesmos organizam o espaço, montam as equipes e competem. Dizem que desde que a praça foi reinaugurada nada nesse sentido aconteceu.

Depois de cerca de 30 minutos de conversa com Davi e Adenir, chegam outros adolescentes que me cumprimentam e sentam próximos. Muito curiosos, todos se dispuseram a falar e enquanto eu conversava com uns, outros praticavam.

Um dos adolescentes é o Matheus, que anda de skate na praça há mais de 4 anos. Matheus tem 15 anos, é morador do Bairro de Fátima e estuda no CEPT, uma escola próxima a sua casa. Começou a andar de skate quando tinha 10 anos na garagem de sua casa e, só depois de aprender as primeiras manobras com o skate, *“para não passar vergonha”* é que começou a frequentar a praça, e só depois a pista. É um dos adolescentes do grupo que pratica e frequenta a praça há mais tempo, por isso conhece bem a história da praça.

Logo que começo a conversa com o Matheus, chega a Mariana, iniciante no skate e uma das poucas meninas que faz parte do grupo. Matheus logo brinca falando que *“para uma iniciante, Mariana tá muito play”*. Pergunto então o que isso significa e Matheus me explica as partes do skate, como rolamento, shape - tipos de madeira para os shapes -, marcas de skate, e diz existir um consenso de que quando se está começando a praticar usar peças mais baratas, e que a Mari já estava com peças e marcas mais caras.

Apesar de no início da conversa Davi e Adenir terem dito que não existe uma espécie de disputa, essa fala do Matheus mostra que existe algo que diz quem deve usar o que, como uma medida de distinção.

Continuo então minha conversa com Matheus e pergunto o que ele acha do espaço da praça hoje. Ele então me explica que a praça possibilita um tipo de prática diferente da que acontece na pista, mas que mesmo assim falta estrutura. Conta que na última reforma houve uma pesquisa por parte da prefeitura, entre os arquitetos e os skatistas, onde o novo projeto para a praça contemplaria mobiliários

para a prática, mas que não foi levado a frente. Diz que gostaria da presença da prefeitura, já que muitos grupos se reúnem durante a semana para andar de skate.

Pergunto então se a praça era frequentada no final de semana e ele responde que não, porque a maioria das pessoas que utilizam a praça são adolescentes depois do horário da escola - onde muitos já vão com o próprio skate - , e que final de semana impossibilita já que muitos moram longe e não tem dinheiro para a passagem do ônibus. Pergunto, então, se ele acredita que a praça seria mais movimentada nos finais de semana se tivesse algum incentivo como, por exemplo não pagar a passagem do ônibus, e ele me responde *“não é meu caso porque eu venho de skate, mas tem muito lek que não pode pegar busão então acho que ajudaria sim”*.

Sobre a prática, Matheus conta com felicidade que andar de skate muda seu dia, e que, apesar de se tratar de uma prática individual, é muito mais prazerosa quando compartilhada. Ele conta que um apoia o outro nas manobras, e que assim é mais seguro também, já que um pode socorrer o outro caso alguém se machuque. Matheus conta que normalmente não repara nas outras pessoas da praça que não sejam skatistas ou da bike, mas vê o espaço como um lugar para se colocar livremente.

Nesse meio tempo, por volta das 16h30, muitos adolescentes já haviam chegado, e no grupo que eu estava eram torno de 15. Matheus foi praticar e comecei a conversar com a Mariana, única menina do grupo até então.

Falo com ela que reparei que, quando ela chegou, cumprimentou a todos, inclusive a mim, e ela explica que existe um consenso de quem chegar, cumprimentar. Pergunto, então, como é ser uma das únicas meninas do grupo e ela conta que a maioria dos colegas homens a respeitam mas que alguns dizem *“nao ser rolê para mulher”*, mas que ela não dá muito importância para isso.

Mariana tem um grande machucado roxo na perna, que pergunto se é da prática e ela responde que sim. Conta que na tentativa de efetuar uma manobra, caiu e se machucou. Perguntei se os colegas a ajudaram e ela disse que sim, que foram inclusive buscar gelo no *“cara do açai”* - nesse momento me atentei para o comércio ao redor, coisa que não havia feito ainda, que conta com algumas lanchonetes que vendem cachorro quente, açai, alguns botecos, e uma sorveteria.

Em pouco mais de uma hora e meia de conversa, já parecia ser parte do grupo, e os minutos seguintes até que eu fosse embora foram para observação.

Quando fui embora, perguntei que dia eu deveria voltar para encontrar mais gente e os adolescentes me responderam que a sexta é o dia “do melhor rolê”. Assim foi meu primeiro encontro aproximado.

O segundo encontro se sucedeu, portanto, em uma sexta feira. Cheguei na praça e meu primeiro movimento foi falar com a Cristina, que levou sua filha Júlia, de 4 anos, para andar de patins na praça. Pergunto a Cristina se ela sente um clima amistoso e ela me responde que, na realidade, não é de Teresópolis, é de Nova Iguaçu e estava passando o final de semana na cidade. Conta que vem a cidade com frequência e fica hospedada no hotel do SESC - que fica próximo à praça -, e sempre leva a filha pois sente que é um local seguro, lugar com muitos adolescentes.

Depois de ter conversado com Cristina, fui até o grupo de skatistas que havia conversado no outro encontro, e, assim como fui instruída, cumprimentei a todos. Apesar de ter sido um dia para observá-los de perto e tirar algumas fotos, conversei também com o João Gabriel, o Daniel e a Rafaella.

João Gabriel, adolescente de 15 anos e morador do bairro de Agriões, anda de skate na praça há pouco mais de dois anos e começou a frequentá-la por influência de um amigo da escola - sua escola é o Único, uma escola particular da cidade (importante destacar esse fato pois quando perguntei qual era sua escola alguns colegas brincam falando que o João é “play”). Pergunto ao João se ele se sente parte do grupo e da praça e como é para ele a relação com o espaço e o skate. João responde que o skate faz parte de sua vida e que se reunir com a galera é o momento mais divertido do seu dia.

Danielzinho - como é chamado entre os colegas -, que também tem 15 anos, morador do bairro de São Pedro, tinha acabado de chegar na P.O vindo da Praça de Esportes Radicais, e foi chamado pela Mariana através do whatsapp dizendo que a praça estava cheia. Perguntei ao Daniel se ele achava que para entendê-los melhor eu deveria ir até a Praça de Esportes Radicais e ele responde que seria legal.

Danielzinho anda de skate desde os 11 anos de idade e é dado entre os colegas como um dos melhores do grupo. Pergunto se ele tem vontade de levar o skate como profissão e ele responde que já conheceu outros colegas muito bons também mas que, por não terem recebido incentivo, acabaram não levando a frente. Ele diz que seria um sonho, mas que sabe que vai acabar como um hobby.

Rafa também tem 15 anos e, junto com a Mari, é uma das poucas meninas do grupo. Começou a andar há dois meses por influência do namorado Adenir, e conta que tem sido divertido. Pergunto se ela sofre algum tipo de preconceito por ser mulher e ela responde que não, mas que “*escuta muita besteira*” por andar com muitos meninos.

A seguir é possível ver algumas fotos dos encontros:



Figura 19 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica

Fonte: Acervo pessoal



Figura 20 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica

Fonte: Acervo pessoal



Figura 21 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica

Fonte: Acervo pessoal



Figura 22 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica

Fonte: Acervo pessoal



Figura 23 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica
Fonte: Acervo pessoal



Figura 24 - Grupo de adolescentes skatistas reunidos praticando na Praça Olímpica
Fonte: Acervo pessoal

Pela fala dos adolescente e por perceber a espécie de circuito que se criou entre a Praça Olímpica e a Praça de Esportes Radicais, senti a necessidade de ir até a Praça de Esportes Radicais, localizada a pouco mais de 900m da Praça

Olímpica. Fiz o primeiro exercício de ir no horário da manhã, por volta das 11h, e encontrei somente uma pessoa por lá, a Mari, que esperava o Danielzinho sair da escola. Perguntei a Mari se tinha alguém responsável pelo espaço naquela hora e ela respondeu que não, mas que na parte da tarde eu encontraria.

Seguem algumas fotos da primeira ida à pista:

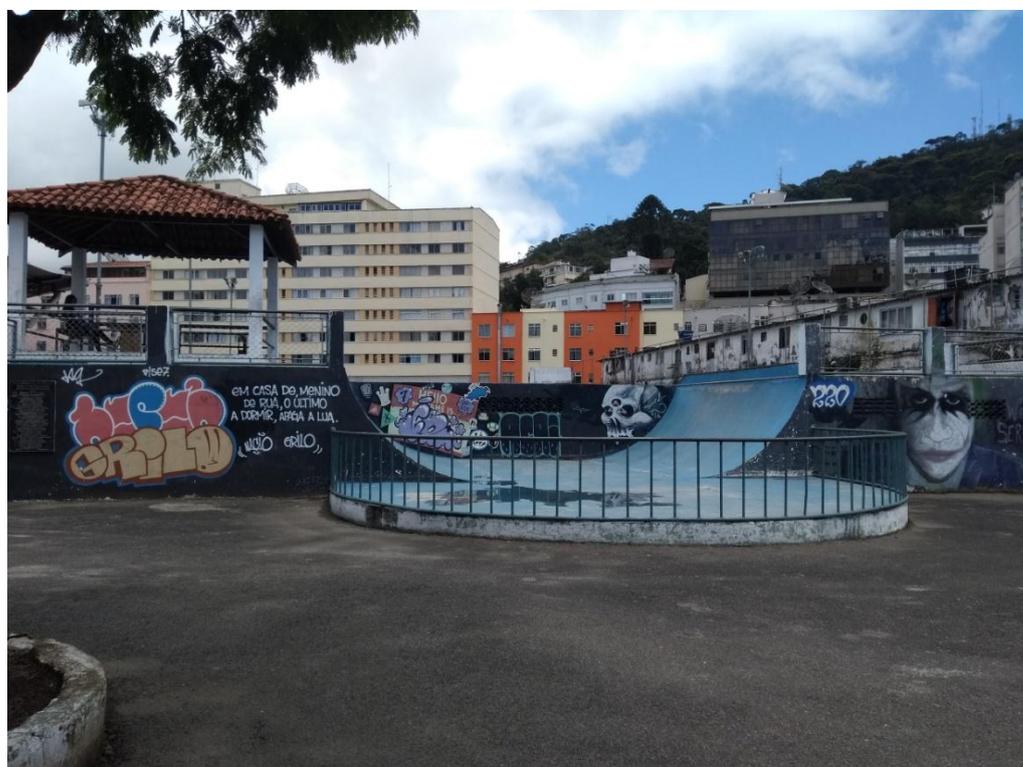


Figura 25 - Praça de Esportes Radicais no período da manhã

Fonte: Acervo pessoal



Figura 26 - Praça de Esportes Radicais no período da manhã

Fonte: Acervo pessoal

Seguindo a orientação da Mari, voltei no período da tarde e encontrei o Vinícius, funcionário da Secretaria de Esportes - que é a atual responsável pelo espaço -. Vinicius me contou que a pista é aberta por ele mesmo às 7h da manhã, não ficando nenhum responsável até às 13h. As 13h ele retorna à pista, que segundo ele é o horário que se inicia o movimento.

Vinicius então me leva até o grupo que anda de skate, em torno de 10 pessoas. Logo de início é possível perceber que se tratam de pessoas mais velha, e minha percepção é confirmada por eles, que dizem ter em torno de 18 a 25 anos. Entre o grupo estão Luca, Felipe, Cauê, Wallace, Renan, Patrick, Pietra e Camila.

Me apresento e digo o que me levou até ali, o fato de eu estar fazendo meu trabalho de conclusão de curso em Produção Cultural sobre os skatistas da Praça Olímpica, mas que, percebendo o circuito que se formou entre os dois espaços, senti a necessidade de ir até a pista. Começo perguntando ao grupo qual a relação deles com aquele espaço e o que fazia com que eles estivessem ali e não na Praça Olímpica.

O grupo, composto por maioria adulta e que já anda de skate há muitos anos, responde que a preferência pela pista se dá porque ela tem um nível de dificuldade

maior - sendo melhor para quem já pratica há mais tempo -, mas que de vez em quando praticam na Praça Olímpica também. Contam que a pista já foi uma das de maior nível de dificuldade do Brasil, já que possui obstáculos muito altos, sendo difícil para quem está começando, por exemplo.

Eles contam também, dentre outras coisas, que aquele espaço já foi palco de diversos campeonatos, inclusive a nível internacional, mas que agora passa por um período de descaso. Pergunto se esse descaso impede ou os desmotiva a praticar e eles respondem que não, porque já veem aquele espaço como sendo deles. Contam, inclusive, que se juntam para fazerem reformas, e que a última aconteceu há pouco mais de seis meses, onde foram feitos alguns reparos e pintura.

Pergunto também se eles veem o skate somente como um esporte ou como parte da cultura tanto deles, como de Teresópolis, e se eles acham que o fato da pista estar sob os cuidados da Secretaria de Esportes favorece ou prejudica de alguma forma. Eles respondem que veem o skate como sendo mais do que um esporte, um estilo de vida, já que a partir do esporte eles conhecem diferentes formas de pensar, inclusive através de outras pessoas e outros movimentos, como é o caso do rap, das danças urbanas, e do grafite, citado por eles como movimentos que conversam com o skate. O grupo acha não faz diferença estar sob os cuidados da secretaria de esportes e, que se a pista estivesse sob os cuidados da secretaria de cultural, por exemplo, não mudaria muita coisa, pois a cidade passa por um período de muito sucateamento.

Outro ponto importante que o grupo conta é que, na época da reforma da Praça Olímpica em 2015, o que se previa como parte do projeto, era a demolição do espaço da Praça de Esportes Radicais, transferindo dessa forma todas as atividades de skate para a Praça Olímpica. O grupo conta que houve protestos à época, pois eles entendiam que os dois espaços poderiam continuar existindo, já que atendiam a modalidades diferentes do esporte.

Contam também que o início do esporte em Teresópolis se deu nas ruas, depois ocupando a Praça Olímpica - que à época, no início dos anos 2000, praticavam na pista de patinação -, e somente depois ganharam um espaço dedicado ao skate e aos esportes radicais em geral. Pergunto se eles sentem que o espaço aprisiona eles de alguma maneira - já que se trata de um esporte que surgiu nas ruas -, e eles dizem que é muito bom ter um espaço para eles, mesmo porque até hoje, segundo o grupo, existe um estigma de quem anda de skate ser

considerado *vagabundo*. Eles contam que, por causa desse estigma, existiu uma época em que era proibido andar de skate nas ruas de Teresópolis, e que por conta disso foi criada a pista.

Outro ponto foi observar a relação com a bike, e todos disseram novamente não haver conflitos, que não existe horário pré determinado e que respeitam o espaço um do outro. O grupo conta que “o skate é o esporte *individual mais coletivo que existe*” e que facilita o clima muito mais de compartilhamento do que de competitividade. A seguir é possível ver a Praça de Esportes Radicais sendo ocupada pelos skatistas:



Figura 27 - Skatistas na Praça de Esportes Radicais

Fonte: Acervo pessoal



Figura 28 - Skatistas na Praça de Esportes Radicais

Fonte: Acervo pessoal

A visita a Praça de Esportes Radicais fechou o trabalho de campo e possibilitou entender melhor de que maneira a prática do skate é tratada na cidade, e o quanto se trata de um exercício de resistência - tanto do ponto de vista do descaso por parte do poder público, que, além de não prestar nenhum incentivo, ainda criam projetos que desconsideram a ocupação do espaço sugerindo inclusive a demolição, como do próprio esporte, que ainda é visto como algo marginalizado.

Ainda que o objetivo do presente estudo seja retratar a relação do esporte com a Praça Olímpica, foi interessante perceber a forma que os skatistas de Teresópolis - de uma forma geral, seja na Praça Olímpica, ou na Praça de Esportes

Radicais - se colocam na cidade, através de um esporte individual, que, como citado por eles mesmos, forma coletivos.

CONCLUSÃO

Entender a cidade sob suas diversas óticas é um exercício que exige muita sensibilidade e cuidado, já que é necessário, antes, entender as lógicas muito próprias por trás de cada temática. O que a presente pesquisa se propôs, foi olhar a cidade a partir de três diferentes óticas: a cidade, a praça, e o corpo.

Para além do exercício intelectual de compreensão dessas óticas a partir de conceitos trabalhados por diversos autores, esse foi, para mim, um trabalho sobretudo de resgate. Não propriamente o tipo de resgate já citado anteriormente, como o resgate das origens das cidades à partir de Rouanet (1997), ou das praças à partir de Caldeira (2006), mas o resgate de um olhar mais aproximado, mais cuidadoso com o espaço que se vive - ou melhor, se convive. O olhar “de perto” de Magnani (2002) foi, para mim, um convite para experienciar o conviver.

Perceber uma forma completamente diferente da minha de se colocar na cidade, entender as necessidades daqueles que se colocam como protagonistas de um espaço. Olhá-los e escutá-los de perto foi, na verdade, um exercício de aproximação com uma parte minha muito adormecida e por vezes desinteressada, que vê a cidade como um grande emaranhado, muitas vezes desconsiderando suas realidades muito próprias e individuais.

De que forma uma praça pode representar uma cidade? De que maneira um corpo pode representar uma praça? Antes, é necessário estar disposto a olhar esses espaços de perto, entendendo que uma praça abriga centenas de realidades, e que essas centenas de realidades, individualmente e coletivamente, é que dão corpo a esse espaço. A cidade não está separada da praça, que não está separada do corpo. São todos parte de uma mesma estrutura.

A ideia de corpo fixo trabalhada por mim no presente estudo, não está ligada à ideia de fixo como uma impossibilidade de movimento como sugere Santos (2014) em suas discussões sobre fixos e fluxos, está muito mais ligada à ideia de se colocar, se fazer presente, resistindo ao processo de espetacularização que diminui a experiência corporal na cidade como explica Jacques (2007). Se fixar nos espaços da cidade é, nesse sentido, transgredir a essa imposição de uma cidade que não é feita para os seus moradores, mas para o capital.

Se colocar na cidade - sabendo ser não só parte dela, mas parte essencial tanto quanto qualquer outro elemento, como a arquitetura, o mobiliário urbano, o

paisagismo -, é um exercício que, como explica Jacques (2007), deixa marcas. Tanto na cidade, quanto no corpo. Marcas de resistência a esse olhar “de longe”, desinteressado das necessidades individuais, que acabam por se transformar em coletivas.

Portanto, mais do que um exercício intelectual, a presente pesquisa foi, para mim, um exercício de convivência com a cidade, com a praça, e com o corpo, tanto dos skatistas, como principalmente com o meu próprio, que precisou experimentar o espaço de outra maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira**. Trajetória de um espaço urbano: Origem e modernidade. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

GASTAL, Suzana. **Alegorias Urbanas: Passado como subterfúgio**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

JACQUES, Paola Berensteinsn. Corpografias urbanas – o corpo enquanto resistência. **Cadernos PPGAU – FAUFBA**. Resistências em espaços opacos. Ano 5, número especial, Salvador, 2007.

MAGNANI, José Guilherme. Jovens Paulistanos: formas de uso e apropriação do espaço urbano na metrópole. In ROCHA, Everardo et al, **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Editora PUC/Mauad, 2006.

_____. De perto e De dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, online, vol.17, n.49, pp.11-29, junho, 2002.

ROAUNET, A cidade iluminista. In SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme. **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 6º ed

Endereços eletrônicos consultados

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESÓPOLIS. Disponível em <<http://www.teresopolis.rj.gov.br/>> Acesso em 27 nov. 2017

WIKIPEDIA SOBRE TERESÓPOLIS. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Teres%C3%B3polis>> Acesso em 27 nov. 2017

PREFEITURA DE TERESÓPOLIS REABRE A PRAÇA DE ESPORTES RADICAIS. Disponível em <<http://teretotal.com.br/prefeitura-de-teresopolis-reabre-a-praca-de-esportes-radicais/>> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA DE ESPORTES RADICAIS <http://www.portaltere.com/noticias/notictere01576_110901.htm> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA É ENTREGUE A POPULAÇÃO. Disponível em <<http://teretotal.blogspot.com.br/2015/12/praca-olimpica-e-entregue-populacao.html>> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA ESTÁ ABANDONADA E SEM SEGURANÇA. Disponível em <<http://www.netdiario.com.br/noticias/praca-olimpica-esta-abandonada-e-sem-seguranca>> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA ENTRA EM PROCESSO DE RECUPERAÇÃO. Disponível em

<<http://teresopolis24horas.blogspot.com.br/2013/05/praca-olimpica-em-processo-de.html>>
Acesso em 27 nov. 2017

UMA BREVE HISTÓRIA DO SKATE. Disponível em
<<http://canaloff.globo.com/programas/califorfun/materias/uma-breve-historia-do-skate.htm>>
Acesso em 27 nov. 2017

WIKIPEDIA SOBRE PRAÇA OLÍMPICA. Disponível em
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Ol%C3%ADmpica_Lu%C3%ADs_de_Cam%C3%B5es> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA NA DÉCADA DE 60. Disponível em
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448709>>
Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA NA DÉCADA DE 60. Disponível em
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=448708>>
Acesso em 27 nov. 2017

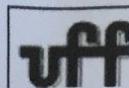
MEDALHA DE BRONZE PARA A REFORMA DA PRAÇA OLÍMPICA. Disponível em
<<http://www.netdiario.com.br/noticias/medalha-de-bronze-para-a-reforma-da-praca-olimpica>> Acesso em 27 nov. 2017

PRAÇA OLÍMPICA SERÁ REINAUGURADA. Disponível em
<<http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2015/12/praca-olimpica-em-teresopolis-rj-sera-reinaugurada-nesta-quarta-feira.html>> Acesso em 28 nov. 2017

MODALIDADES DO SKATE. Disponível em
<<http://www.maresia.com.br/post/modalidades-do-skate-street>> Acesso em 28 nov. 2017

PROTESTO NA PRAÇA OLMPICA. Disponível em
<<http://agazetafluminense.blogspot.com.br/2016/09/teresopolis-bandas-protesto-e.html>>ultimo acesso em 28/11

ANEXOS



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 18/12/2017

Eu, **JULIA MUSSO GOMES DA COSTA DURÃO**, CPF 148.004.417-22, formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada "**O CORPO FIXO NA CIDADE: ANÁLISE DOS SKATISTAS DA PRAÇA OLÍMPICA DE TERESÓPOLIS**" defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.

~~LARYSSA MARIA BRANDINI NALLIN~~

Julia Musso Gomes de Costa Durão